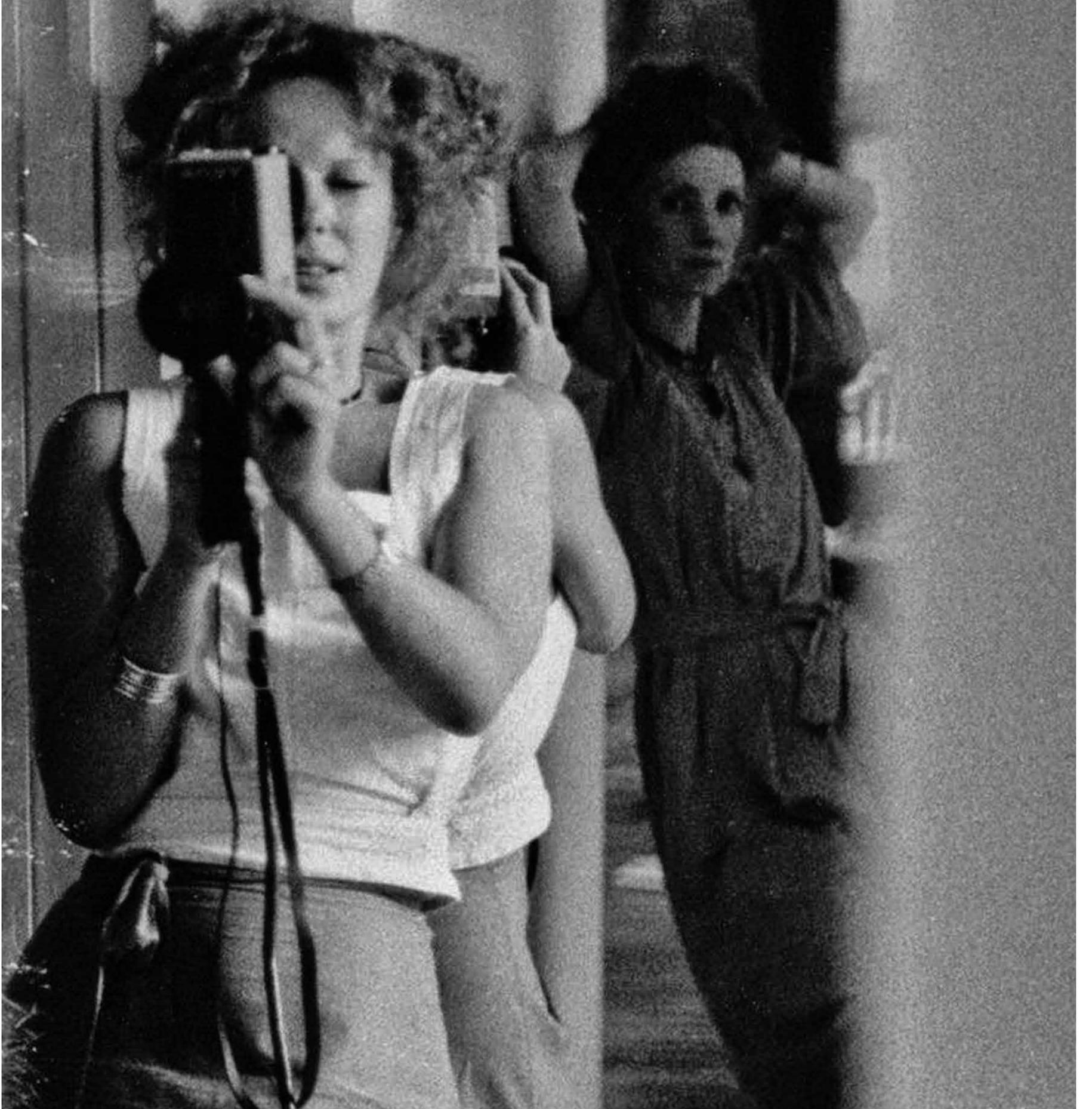


cinemateca

outubro 2020



DELPHINE SEYRIG, INSUBMUSA | A CINEMATECA COM O DOCLISBOA:
A VIAGEM PERMANENTE - O CINEMA INQUIETO DA GEÓRGIA | DUPLOS E GÊMEOS
VOCÊS, QUE VIVEM - OS FILMES DE ROY ANDERSSON | A CINEMATECA COM
A MONSTRA - FESTIVAL DE ANIMAÇÃO DE LISBOA | A CINEMATECA COM
O CURTAS VILA DO CONDE | DIA MUNDIAL DO PATRIMÓNIO AUDIOVISUAL

CINEMATECA JÚNIOR – SÁBADOS EM FAMÍLIA

Em outubro a Júnior retoma a tradicional colaboração com a secção Monstrinha do MONSTRA – Festival de Animação de Lisboa e mostra alguma da programação suspensa em março. Para vingar o tempo perdido, em vez de dois filmes de cinema de animação oferecemos três e uma OFICINA DE BOLSO para fazerem os vossos filmes de animação com um equipamento que se arruma nas algibeiras, e que em tempos não muito remotos servia apenas para fazer chamadas. Como inspiração, apresentamos três longas de animação muito diferentes nos temas, mas nem tanto na técnica, igual em duas delas. Abrimos com FANTASIA, o mais ambicioso projeto de Walt Disney que celebra este ano oitenta primaveras. O mago do desenho de animação foi também um amante de música clássica e neste filme casa as duas paixões. A partir de oito composições, como a *Sagração da Primavera* de Igor Stravinsky ou a suite *Quebra-Nozes* de Tchaikovsky, cria oito segmentos de animação, uns mais narrativos, outros mais sensoriais. Segue-se A MINHA VIDA DE COURGETTE de Claude Barras, um filme de animação de volumes em *stop motion*, sobre um rapaz órfão que gosta de viver no orfanato. A história deste rapaz contraria muitas ideias feitas, o que aliado à qualidade da animação faz do filme uma pérola. O terceiro filme de animação – WALLACE & GROMIT: A MALDIÇÃO DO COELHOMEM – é uma comédia do conhecido estúdio britânico Aardman Animations e traz-nos a famosa dupla em formato longo e a braços com uma misteriosa criatura devoradora de cenouras e outros hortícolas em pleno Concurso Anual de Vegetais Gigantes. Trata-se de uma paródia aos filmes de terror e rima na perfeição com a data em que estará em sala, 31 de outubro, o tradicional Dia das Bruxas agora mais conhecido por Halloween.

Mas outubro é um mês comprido e cabem lá muitos filmes além da animação. BOM DIA de Yasujiro Ozu e ADEUS, PAI de Luís Filipe Rocha são os sabores do mês em imagem real. Rapazes descontentes com a vida são o traço comum entre os dois: no filme de Ozu, dois irmãos travam uma guerra de silêncio para ganharem uma televisão; no filme de Luís Filipe Rocha fala-se de um descontentamento mais profundo provocado por um pai ausente. Dois momentos de bom cinema para refletir e desfrutar.



OHAYO

► Sábado [3] 15:00 | Salão Foz

FANTASIA

Fantasia
de Walt Disney

Estados Unidos, 1940 – 120 min / dobrado em português do Brasil | M/12

COM A PRESENÇA DE FERNANDO GALRITO,
DIRETOR DO MONSTRA

O mais ambicioso projeto do mago dos desenhos animados, Walt Disney, é um grande filme de animação que dá a ver (e a ouvir) algumas composições musicais célebres, da *Pastoral* de Beethoven à *Sagração da Primavera* de Stravinsky. A primeira é ilustrada com uma divertida história no Olimpo grego e a segunda acompanha a origem do mundo e da vida e a extinção dos dinossauros. E há mais: uma irresistivelmente cómica *Dança das Horas* por crocodilos e hipopótamos, além da presença do rato Mickey como aprendiz de feiticeiro, entre outros grandes momentos musicais e de cinema de animação.

► Sábado [10] 15:00 | Salão Foz

MA VIE DE COURGETTE

A Minha Vida de Courgette
de Claude Barras

Suíça, França, 2016 – 66 min / dobrado em português | M/6

COM A PRESENÇA DE FERNANDO GALRITO,
DIRETOR DO MONSTRA

Um menino chamado Ícaro, mais conhecido pela alcunha Courgette (curgete), vai para um orfanato depois da trágica morte da mãe. Após este terrível revés e no meio das dificuldades que tem em integrar-se no seu novo lar, descobre o lado solar da vida com a preciosa ajuda do polícia Raymond e dos seus amigos Camille e Simon. Primeira longa-metragem do suíço Claude Barras, este filme de animação em *stop motion* é adaptado da obra *Autobiographie d'une courgette* (2002) do escritor francês Gilles Paris.

► Sábado [17] 15:00 | Salão Foz

OHAYO

Bom Dia
de Yasujiro Ozu
com Keiji Sata, Yoshiko Kuga,
Koji Shigaraki, Masahiko Shimazu

Japão, 1959 – 94 min / legendado em português | M/6

Pode ser considerado uma variação de um dos mais célebres filmes de Ozu, "NASCI, MAS...", de 1933. Contrariamente à quase totalidade das obras-primas realizadas por Ozu na fase final da sua carreira, OHAYO é uma comédia e não aborda o tema da dissolução de uma família, mas apenas um momento de crise causado por dois miúdos. As crianças fazem greve de silêncio para protestar contra o facto de os pais se recusarem a comprar uma televisão. A realização de Ozu, como sempre rigorosa e perfeita, tece um filme que, ao invés de mostrar o fim de uma vida, ou de uma família, mostra uma continuidade, a aceitação da mudança. Um dos filmes em que o cineasta trabalha exemplarmente a cor.

► Sábado [24] 15:00 | Salão Foz

ADEUS, PAI

de Luís Filipe Rocha
com João Lagarto, José Afonso Pimentel, Adriana Aboim

Portugal, 1996 – 85 min | M/12

COM A PRESENÇA DE LUÍS FILIPE ROCHA (A CONFIRMAR)

Realizado nos Açores, a partir de um argumento original de Luís Filipe Rocha, ADEUS, PAI conta a relação de um rapaz de 13 anos com o seu pai. Uma relação distante, porque o pai se dedica sobretudo ao trabalho. Mas um dia, os dois partem juntos de férias para os Açores, onde finalmente se aproximam (ou assim parece).

► Sábado [31] 11:00 | Salão Foz

OFICINA DE BOLSO

conceção e orientação de Fernando Galrito
dos 6 aos 10 anos | duração: 2 horas
preço: 4€ por criança

Todos carregamos no bolso um instrumento que, com as aplicações corretas, pode transformar-se num estúdio de animação. Fazer filmes de animação com um telemóvel é o objetivo desta oficina. Apresentar as melhores aplicações para animar, fazer a banda sonora, editar e sincronizar. Uma oficina de animação e de cinema de bolso. Marcação prévia até 26 de outubro para cinemateca.junior@cinemateca.pt

► Sábado [31] 15:00 | Salão Foz

WALLACE & GROMIT: THE CURSE OF THE WERE-RABBIT

Wallace & Gromit – A Maldição do Coelho
de Steve Box, Nick Park

Reino Unido, 2005 – 85 min / legendado em português | M/6

COM A PRESENÇA DE FERNANDO GALRITO,
DIRETOR DO MONSTRA

Na primeira longa-metragem da famosa dupla Wallace & Gromit, do estúdio britânico Aardman Animations, Wallace e o seu leal amigo canino tentam resolver o caso dos misteriosos ataques a hortas que ameaçam o Concurso Anual de Vegetais Gigantes. Mais uma aventura destes deliciosos bonecos animados em *stop motion*, desta vez a parodiar os filmes de terror.

► ÍNDICE

CINEMATECA JÚNIOR – SÁBADOS EM FAMÍLIA.....	2
DELPHINE SEYRIG, INSUBMUSA.....	3
A CINEMATECA COM O DOCLISBOA:	
A VIAGEM PERMANENTE – O CINEMA INQUIETO DA GEÓRGIA.....	6
DUPLOS E GÊMEOS.....	10
VOCÊS, QUE VIVEM – OS FILMES DE ROY ANDERSSON.....	12
A CINEMATECA COM A MONSTRA – FESTIVAL DE ANIMAÇÃO DE LISBOA	13
COM A LINHA DE SOMBRA.....	13
A CINEMATECA COM O CURTA VILA DO CONDE.....	14
DIA MUNDIAL DO PATRIMÓNIO AUDIOVISUAL.....	14
INFORMAÇÕES.....	14
CALENDÁRIO.....	15

► CAPA SOIS BELLE ET TAIS-TOI! (rodagem) (França, 1976)

► AGRADECIMENTOS

Luís Filipe Rocha, Fernando Matos Silva, Mark Rappaport; Jön Wengström, Johan Ericsson (Svenska Filminstitutet); Eric Leroy, Sophie Le Tétour (C.N.C.); Stanislav Stanojevic; Katerina Fojtova (Národní filmový archiv); Regina De Martelaere (Cinematek); José Manuel García (FilMOTECA de la UNAM, México); Marc Scheffen (Cinémathèque de la Ville de Luxembourg); Tracy Stephenson (The Museum of Fine Arts, Houston); Gaga Chkheidze, Levan Lomjaria (Georgian National Film Center); Giorgi Gorgiladze (Embaixador da Geórgia em Portugal); Joana Sousa, Miguel Ribeiro, Renato Baptista; Marcelo Felix (Doclisboa); Luís Apolinário, Hugo Lopes, Johanne Lacroix (Alambique); Fernando Galrito (Monstra – Festival de Animação de Lisboa), Nuno Rodrigues (Curtas Vila do Conde), Sílvia Balea (Institut Français Portugal); Katia Adler (Festa do Cinema Francês); Nicole Fernández Ferrer (Centre Audiovisuel Simone de Beauvoir).

doclisboa
festival internacional
de cinema

საქართველოს კინოს ცენტრი
Georgian National
Film Center

AMBASSADE
DE FRANCE
AU PORTUGAL

Liberté
Égalité
Fraternité

INSTITUT
FRANÇAIS

Portugal

REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA

CINEMATECA PORTUGUESA
MUSEU DO CINEMA, I.P.

DELPHINE SEYRIG, INSUBMUSA

com a 21ª Festa do Cinema Francês, em colaboração com o Institut Français Portugal e o Centre Audiovisuel Simone de Beauvoir

Insubmusa, como o coletivo que formou nos anos 1970 com Carole Roussopoulos, Ioana Wieder e Nadja Ringart, quando reconheceu no vídeo um espaço de liberdade criativa e uma arma para o combate pelos direitos da mulher: Les Muses s’amusent (“as musas divertem-se”) haviam de tornar-se Les Insoumuses (“as insubmusas”) e estar na origem do Centro Audiovisuel Simone de Beauvoir, fundado em 1982. Na altura, Delphine Seyrig (1932-1990) era já a atriz celebrizada por Alain Resnais em *L’ANNÉE DERNIÈRE À MARIENBAD* e *MURIEL OU LE TEMPS D’UN RETOUR* e era já a atriz tornada cúmplice de Marguerite Duras e Chantal Akerman em filmes tão decisivos do cinema do século XX como *INDIA SONG* ou *JEANNE DIELMAN, 23, QUAI DU COMMERCE, 1080 BRUXELLES*. Entre várias outras férteis cumplicidades, no teatro e no cinema. Então como ainda agora, o vulgo conhecia melhor a sua imagem pública de atriz do que os trabalhos como realizadora iniciados em 1974.

Graças ao trabalho de recuperação e divulgação destes últimos em anos recentes, essa falha tem vindo a ser reparada melhor revelando o legado de Delphine Seyrig. É o propósito desta iniciativa: com a ambição de uma integral da realizadora, a retrospectiva conjuga essas sete sessões com sete outras representativas do seu trabalho como atriz, aberta a títulos pouco vistos de Marin Karmitz, Sami Frey, Stanislav Stanojevic, Joseph Losey, mas incluindo forçosamente um dos seus dois importantes filmes com Alain Resnais (*MURIEL*), o seu primeiro encontro com Marguerite Duras (*LA MUSICA*, o primeiro filme de Duras, correalizado com Paul Seban) e o filme impar de Chantal Akerman (*JEANNE DIELMAN*), e ainda o conhecido François Truffaut em que contracenava com Jean-Pierre Léaud (*BAISERS VOLÉS*) e a primeira vez sob o olhar *beat* de Robert Frank e Alfred Leslie (*PULL MY DAISY*).

Delphine Seyrig nasceu no Líbano, iniciou-se como atriz aos 17 anos no teatro, “para me expor e exprimir plenamente as minhas emoções”, instalou-se em França aos 20 anos, onde estudou teatro, e partiu para Nova Iorque em 1956. Nessa estadia de três anos foi “observadora”, nos seus termos, do método de Lee Strasberg no Actors Studio, fez teatro e estreou-se no cinema coincidindo com a estreia cinematográfica independente de Robert Frank. Lá a notou Alain Resnais assistindo a uma peça de Ibsen (*O Inimigo do Povo*), que no regresso a França a filmou no labiríntico *MARIENBAD* (e depois *MURIEL*). *MARIENBAD* e *BAISERS VOLÉS* de Truffaut deram-lhe notoriedade, firmando uma imagem de diva que ela não cessou porém de desconstruir na extensa filmografia de atriz, desde logo pelas escolhas criteriosas que fez e a variedade de registos, ainda assim pouco reconhecida.

Resnais, François Truffaut, Joseph Losey (*L’ACCIDENT*, e mais tarde *A DOLL’S HOUSE*), Jacques Demy (*PEAU D’ÂNE*), William Klein (*MR. FREEDOM*), Luis Buñuel (*LA VOIE LACTÉE*, antes de *LE CHARME DISCRET DE LA BOURGEOISIE*) são alguns dos realizadores com quem trabalhou nos anos 1960. A partir da década seguinte, o empenho artístico seguiu a par da militância política e feminista no contexto da França da época, tendo Seyrig filmado bastante com realizadoras mulheres: recorrente e crucialmente com Marguerite Duras, que a definia como “a maior atriz de França e porventura do mundo inteiro”, e com Chantal Akerman, que lhe entregou Jeanne Dielman. “Acontece que Marguerite Duras e Chantal Akerman são grandes realizadoras, a sua visão cinematográfica é na minha opinião da maior importância na segunda metade do século XX”, dizia Seyrig em 1978. Liliane de Kermadec, Patricia Moraz, Pomme Meffre, Márta Mészáros, Ulrike Ottinger são outras das cineastas que a dirigiram. Os nomes não esgotam a série de colaborações e trabalhos cujo conjunto configura uma constelação de afinidades, exigência, importantes variações.

A imagem etérea e sublime de Seyrig no cinema reflete-se no espanto com que Léaud a descreve em *BAISERS VOLÉS* adjetivando uma “aparição”. Muitos se renderam à “presença excepcional aliada a uma interpretação extremamente precisa”, à “atriz imensa” e à sua “voz irrealista de violoncelo” (Hélène Fleckinger), à “atriz proustiana” (David Thomson). Verdade e aquém da verdade. A feminilidade, beleza, elegância, que sempre a caracterizaram, podiam ter feito dela a grande estrela do cinema francês, mas escolhendo escolher o seu caminho, Delphine Seyrig aliou-as à sensibilidade e inteligência com que também intensamente se implicou nas causas que defendeu, militante. É parte do segredo da sua raridade.

O envolvimento ativo no MLF-Mouvement de libération des femmes torna-se público a partir de 1971, quando é uma das signatárias do “Manifesto das 343” escrito por Simone de Beauvoir. Graças ao seu encontro com Carole Roussopoulos, Seyrig percebe o poder da liberdade do vídeo: o combate pela emancipação da mulher e o seu registo documental levam-na à realização nesses anos 1970, no seio do coletivo fundado a quatro das *Muses*, que observou as lutas pelas causas da emancipação feminina, direito ao aborto, liberdade sexual, condições de vida das trabalhadoras do sexo, direitos das prisioneiras políticas.

Um dos primeiros trabalhos das Insoumuses, em 1974, faz eco em França do caso português das “Três Marias” perseguidas pela publicação das *Novas Cartas Portuguesas* (*LES TROIS PORTUGAISES*), centrando-se outro deles na perseguição da militante brasileira Inês Etienne Romeu (INÊS). Ambos de 1976, *S.C.U.M. MANIFESTO 1967*, a partir de Valerie Solanas, e o desconstrutor *MASO ET MISO VONT EN BATEAU*, em que arrasam uma prestação televisiva de Françoise Giroud, são dois dos títulos mais cáusticos e poderosos do coletivo. É neste último, especialmente instilado de sentido de humor, que um cartão final declara, “É o vídeo que nos contará”. A múltiplas vozes, como em *SOIS BELLE ET TAIS-TOI!* (também de 1976), em que Seyrig entrevista e filma eloquentemente 24 eloquentes atrizes sobre a sua experiência, num filme-ensaio central do seu trabalho na realização. Outro ficou por fazer, o projeto à volta dos escritos de Calamity Jane, não a lendária Calamity, mas a Calamity Jane de *Calamity Jane’s Letters to Her Daughter*. O seu rasto encontra-se no recente filme de Babette Mangolte que regressa a esse projeto de Seyrig e a material com ela filmado em 1983.

Todos os filmes realizados por Delphine Seyrig são apresentados em digital, em primeiras exposições na Cinemateca, e na sua maioria inéditos em Portugal, o que é também o caso de *COMÉDIE* de Marin Karmitz ou os recentes *CALAMITY JANE & DELPHINE SEYRIG*, *A STORY* de Babette Mangolte, e *L’ANNÉE DERNIÈRE À DACHAU* de Mark Rappaport. Mais informação biofilmográfica sobre Delphine Seyrig disponível numa brochura digital em www.cinemateca.pt.



SOIS BELLE ET TAIS-TOI!

► Sexta-feira [9] 17:30 | Esplanada

ENCONTRO COM NICOLE FERNÁNDEZ FERRER

Programadora, arquivista e investigadora, Nicole Fernández Ferrer é diretora do Centre Audiovisuel Simone de Beauvoir, cofundado em 1982 por Delphine Seyrig, Carole Roussopoulos e Ioana Wieder. Conhecedora do trabalho de Delphine Seyrig e do seu percurso artístico, feminista e militante, vai estar na Cinemateca para um encontro com o público, que conta ainda com a participação de Maria João Madeira, programadora, e Rita Azevedo Gomes, programadora e realizadora. O Encontro antecede a abertura da retrospectiva às 19 horas, com a projeção de *SOIS BELLE ET TAIS-TOI!*

em português e francês | entrada livre mediante levantamento de ingresso na bilheteira

► Sexta-feira [9] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

► Segunda-feira [12] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

SOIS BELLE ET TAIS-TOI!

de Delphine Seyrig com a colaboração de Carole Roussopoulos, Ioana Wieder

França, 1976 – 110 min / legendado eletronicamente em português | M/12

É o filme mais conhecido dos filmes desconhecidos de Delphine Seyrig realizadora, que aqui entrevista 24 atrizes sobre a sua experiência profissional, papéis desempenhados, relações com encenadores, realizadores e equipas de trabalho. Um retrato coletivo no feminino que reflete, em 1976, o balanço negativo de uma profissão que remete as mulheres a personagens estereotipadas num mundo dominado pelo imaginário masculino. As perguntas de Seyrig vão ao fulcro da questão. Por exemplo: “Se fosses homem, terias escolhido igualmente ser ator?”; “Alguma vez representaste uma cena com outra mulher e, se sim, o papel dela foi o de rival ou confidente?” O título exclamativo vem do filme realizado por Marc Allégret em 1958. Entre as convocadas, Ellen Burstyn, Barbara Steele, Jill Clayburgh, Juliet Berto, Shirley MacLaine, Marie Dubois, Jane Fonda, Maria Schneider, Viva, Anne Wiazemsky. A apresentar em cópia digital.

- ▶ Sábado [10] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Segunda-feira [12] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

COMÉDIE

de Marin Karmitz, Jean Ravel, Jean-Marie Serreau
com Delphine Seyrig, Michael Lonsdale, Eléonore Hirt
França, 1965 – 20 min / legendado eletronicamente em português

BAISERS VOLÉS

Beijos Roubados
de François Truffaut
com Jean-Pierre Léaud, Claude Jade,
Delphine Seyrig, Michael Lonsdale
França, 1968 – 91 min / legendado eletronicamente em português

duração total da projeção: 111 min | M/12

COMÉDIE é uma rara adaptação ao cinema da peça de Samuel Beckett, resgatada a uma invisibilidade de décadas no início do século XXI. Nos anos 1960, Beckett trabalhou na adaptação com Marin Karmitz, tendo o filme causado alarido pelo vanguardismo da sua abordagem visual e sonora a partir de uma história que reúne um trio de personagens. Karmitz refere-o como uma obra que “produz um movimento complexo entre escuta e compreensão, luz e negro, tudo isto a partir de uma história de encornamento à Feydeau”. Reunidos na primeira de várias vezes no cinema em COMÉDIE, Delphine Seyrig e Michael Lonsdale, que foram grandes cúmplices em palco e no ecrã, são um casal de BAISERS VOLÉS, em que Truffaut continua a filmar Jean-Pierre Léaud como Antoine Doinel na sequência de LES 400 COUPS e ANTOINE ET COLETTE. Tido como o mais jubiloso Truffaut, o filme que “não conta nada de nada” (Truffaut) segue um Doinel de 20 anos recém-saído do exército, que dá por si detective privado, alimentando uma paixão por Christine (Claude Jade). É o filme em que Seyrig surge a Léaud como uma “aparição” sob o signo de Balzac (*O Lírio do Vale*) e com ele protagoniza três cenas e um monólogo inesquecíveis, explicando-lhe como é, pelo contrário, uma mulher. Os beijos são roubados à canção de Charles Trenet, *Que reste-t-il de nos amours?* que embala e titula o filme. COMÉDIE é uma primeira apresentação na Cinemateca.

- ▶ Sábado [10] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

INÊS

de Delphine Seyrig
França, 1974 – 19 min / legendado eletronicamente em português

LES TROIS PORTUGAISES

de Delphine Seyrig com a colaboração de
Carole Roussopoulos, Ioana Wieder
França, 1974 – 29 min / legendado eletronicamente em português

LES PROSTITUÉES DE LYON PARLENT

de Carole Roussopoulos
França, 1975 – 46 min / legendado eletronicamente em português

duração total da projeção: 94 min | M/12

SESSÃO APRESENTADA POR NICOLE FERNÁNDEZ FERRER

O caso de Inês Etienne Romeu (Prémio dos Direitos Humanos em 2009) é relatado em *off* pela voz de Delphine Seyrig: a militante brasileira opôs-se à ditadura, foi presa, torturada e violada em 1971, em São Paulo, depois transferida para o Rio de Janeiro, condenada a prisão perpétua e reclusa até 1979, denunciando as atrocidades sofridas dois anos mais tarde. A primeira imagem é uma fotografia de Inês, a que se segue uma reconstituição brutal do que sofreu na prisão, a violência do texto que fala da “cabra comunista” e a irrupção de uma canção de Roberto Carlos, *Amada Amante*. Do mesmo ano de 1974, LES TROIS PORTUGAISES revisita o caso português das “Três Marias” (Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa) que arriscaram prisão por atentado aos bons costumes com a publicação, em 1972, das *Novas Cartas Portuguesas*, prontamente proibido pelo Estado Novo. O filme documenta as ações de apoio e divulgação do livro ocorridas em Paris entre março de 1973 e setembro de 1974, em particular a leitura-espetáculo “La nuit des femmes” e uma manifestação noturna diante da catedral de Notre Dame em janeiro de 1974. Assinado por Carole Roussopoulos, LES PROSTITUÉES DE LYON PARLENT regista o testemunho de algumas das centenas de prostitutas que ocuparam uma igreja de Lyon em junho de 1975, falando das suas condições de vida e trabalho como mulheres e mães e reivindicando o termo da perseguição a que são sujeitas. Os depoimentos são retransmitidos em monitores vídeo no exterior da igreja. Foi um combate que Seyrig seguiu atentamente, tendo ela própria filmado material hoje dado como perdido.



CALAMITY JANE & DELPHINE SEYRIG, A STORY

- ▶ Sábado [10] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Quarta-feira [21] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

POUR MÉMOIRE

de Delphine Seyrig
França, 1987 – 11 min / legendado eletronicamente em português

CALAMITY JANE & DELPHINE SEYRIG, A STORY

de Babette Mangolte
França, Estados Unidos, 2019 – 87 min / versão francesa, legendado eletronicamente em português

duração total da projeção: 98 min | M/12

SESSÃO DE DIA 10 APRESENTADA POR NICOLE FERNÁNDEZ FERRER

A leitura das cartas de Calamity Jane à filha ausente, nunca enviadas e publicadas postumamente nos anos 1970, levaram Delphine Seyrig a embrenhar-se num projeto de filme nunca realizado. É dele que trata o filme de Babette Mangolte, cuja génese remonta a 1983 e foi iniciado em 2011, atendendo à proposta de montagem das sequências filmadas quando era diretora de fotografia de Seyrig, que conheceu como atriz na rodagem de JEANNE DIELMAN de Chantal Akerman. Mangolte constrói o seu filme como um diálogo interior de Seyrig a partir das várias versões do argumento, um storyboard e o material de época em 16 mm com ela filmado em Montana. “A não desistência tinha de ser o âmago do filme, sendo essa a força maior de Delphine” (Mangolte). A abrir a sessão do filme de homenagem de Mangolte a Seyrig, POUR MÉMOIRE filmado por Seyrig em homenagem a Simone de Beauvoir um ano após a sua morte: no cemitério de Montparnasse, a voz *off* de Seyrig principia o que viria a ser o seu último filme, que inclui excertos de discursos de Simone de Beauvoir e imagens da homenagem que lhe foi prestada em 1986.

- ▶ Segunda-feira [12] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Quinta-feira [15] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

PULL MY DAISY

de Robert Frank, Alfred Leslie
com Allen Ginsberg, Gregory Corso, Delphine Seyrig e
narração de Jack Kerouac
Estados Unidos, 1959 – 30 min / legendado eletronicamente em português

AUTOUR DE JEANNE DIELMAN

de Sami Frey
França, 1975-2004 – 68 min / legendado eletronicamente em português
duração total da projeção: 98 min | M/12

PULL MY DAISY é a estreia no cinema de Robert Frank, até aí sobretudo conhecido pelo seu trabalho de fotógrafo, e pelo influente livro de fotografias *The Americans* (1958, com texto de Jack Kerouac), que em si continha o germe de um pensamento cinematográfico. Sendo um dos títulos pioneiros do movimento de cinema independente americano, PULL MY DAISY é uma paródia à Beat Generation concebida por alguns dos seus protagonistas – como Allen Ginsberg, que faz de ator, e o próprio Kerouac, que escreveu o argumento e diz o irónico comentário em *off*. Delphine Seyrig surge no seu primeiro papel em cinema, numa estreia nova-iorquina da época em que estudara no Actors Studio de Lee Strasberg. Filmado por Sami Frey na rodagem do crucial filme de 1975 de Chantal Akerman, JEANNE DIELMAN, 23,

QUAI DU COMMERCE, 1080 BRUXELLES, e montado em 2004 por Agnès Ravez e Akerman, AUTOUR DE JEANNE DIELMAN (primeira apresentação na Cinemateca) é um vislumbre dessa filmagem e do trabalho de ensaios e organização das cenas da então jovem realizadora com a sua equipa e a sua atriz, Delphine Seyrig, num dos seus trabalhos magistrais no cinema.

- ▶ Terça-feira [13] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Quarta-feira [21] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

L'ANNÉE DERNIÈRE À DACHAU

de Mark Rappaport
França, 2020 – 29 min / legendado eletronicamente em português

MURIEL OU LE TEMPS D'UN RETOUR

Muriel ou O Tempo de Um Retorno
de Alain Resnais
com Delphine Seyrig, Jean-Pierre Kérien, Nita Kein
França, Itália, 1963 – 117 min / legendado eletronicamente em português
duração total da projeção: 146 min | M/12

Alain Resnais entregou o papel da jovem viúva Hélène Aughain de MURIEL OU LE TEMPS D'UN RETOUR a Delphine Seyrig (prémio de interpretação no festival de Veneza 1963), com quem já filmara em L'ANNÉE DERNIÈRE À MARIENBAD (1961, a primeira, notável, longa-metragem da atriz) depois de tê-la visto num palco nova-iorquino a representar Ibsen. Seguindo a história da protagonista de 40 anos (bastante mais velha que a à época jovem atriz), num momento de reencontro com o homem que amara na adolescência, e uma segunda linha narrativa centrada no jovem enteado de Hélène, atormentado por lembranças da Guerra da Argélia, Resnais assina um filme de planificação e montagem extremamente elaboradas. Refletindo as feridas do tempo e a obsessão da memória, ou como exprimiu o realizador “a *malaise* de uma sociedade supostamente feliz”, MURIEL é uma obra avassaladora. Antes de MURIEL, L'ANNÉE DERNIÈRE À DACHAU: o mais recente vídeo-ensaio de Mark Rappaport, “um filme sobre um filme sobre um filme”, é um tributo a Alain Resnais, a MARIENBAD e a Delphine Seyrig. Filmada nos bastidores de MARIENBAD com uma câmara nas mãos. A imagem de Seyrig abre e fecha o filme que combina ainda imagens raras da rodagem em Schleißheim e Nymphenburg no inverno de 1960 ou uma visita da equipa ao campo de concentração de Dachau.

- ▶ Terça-feira [13] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

S.C.U.M. MANIFESTO 1967

de Carole Roussopoulos, Delphine Seyrig
França, 1976 – 28 min / legendado eletronicamente em português

MASO ET MISO VONT EN BATEAU

de Carole Roussopoulos, Delphine Seyrig, Ioana Wieder, Nadja Ringart (Les Insoumuses)
França, 1976 – 54 min / legendado eletronicamente em português
duração total da projeção: 82 min | M/12

Les Insoumuses apresentam uma encenação do radical texto feminista de 1967 da americana Valerie Solanas: *SCUM Manifesto* tornou-se célebre na sequência dos três tiros disparados por Solanas em 1968, na Factory, para atingir Andy Warhol; regressando a ele num momento em que o livro se encontra



SOIS BELLE ET TAIS-TOI! (rodagem)

esgotado, Roussopoulos e Seyrig filmam e protagonizam uma leitura encenada. Face a face, filmadas num plano que vai cerrando num movimento em frente, uma lê e outra dactilografa enquanto as imagens de um noticiário do dia são transmitidas em direto num televisor no fundo do plano. As imagens noticiosas, a voz de Seyrig, as teclas da máquina de escrever de Roussopoulos e os ruídos do dispositivo da câmara sobrepõem-se. “Um macho é um acidente genético, uma mulher incompleta, um aborto ambulante...”, nada de menos meigo para começo de conversa. Do mesmo ano e inspirada verve, MASO ET MISO VONT EN BATEAU é outro dos títulos essenciais do coletivo Les Insoumuses que a propósito afirmam: “No dia 30 de dezembro de 1975, depois de vermos a emissão de Bernard Pivot na Antenne 2 intitulada *Encore un jour et l'Année de la femme Ouf! C'est fini*. Sentimos a imensa necessidade de exprimir o nosso ponto de vista, de responder”. Montando e comentando as imagens da entrevista da então governante Françoise Giroud (responsável pelo Secretariado para a Condição Feminina), que arrasam, concluem “O nosso objetivo não é comentar a pessoa de Françoise Giroud nem saber se outra mulher teria feito melhor ou menos bem no seu lugar. O nosso objetivo é mostrar que nenhuma mulher pode representar as outras mulheres no seio de um governo patriarcal, seja ele qual for. Não pode senão ENCARNAR A CONDIÇÃO FEMININA oscilando entre a necessidade de agradar (feminização – Maso) e o desejo de aceder ao poder (masculinização – Miso). [...] Nenhuma imagem da TELEVISÃO quer ou pode refletir-nos. É com o vídeo que nos contaremos.” Uma sessão imperdível, de militância e sentido de humor.

► Quarta-feira [14] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

OÙ EST-CE QU'ON SE “MAI”?

de Ioana Wieder (Les Insoumuses)

França, 1976 – 55 min / legendado eletronicamente em português | M/12

As manifestações do 1º de maio de 1976 em Paris são a matéria do filme das Insoumuses assinado por Ioana Wieder que alinha sequências do desfile feminista, testemunhos das manifestantes agredidas por elementos da CGT (confederação geral do trabalho) com a qual a participação das feministas fora negociada e leituras de um artigo do *L'Humanité* e da carta da CGT por Delphine Seyrig. A condição das mulheres no mundo da política está no centro do filme que revela a curiosidade e ironia do olhar das “Insubmusas”, partilhando as palavras de ordem e as canções jubilosamente preparadas para a manifestação. *Les Muses s'amusement* no combate pela sua causa.

► Quinta-feira [15] 21:00 | Sala M. Félix Ribeiro

Atenção
ao
horário

JEANNE DIELMAN, 23, QUAI DU COMMERCE, 1080 BRUXELLES

de Chantal Akerman

com Delphine Seyrig, Henri Storck, Jan Decorte

Bélgica, França, 1975 – 200 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Assente num rigoroso trabalho sobre a duração e a repetição, foi o filme mais decisivo na consagração de Chantal Akerman, e é um título fulcral na filmografia de Delphine Seyrig, que voltaria a trabalhar com a realizadora em *GOLDEN EIGHTIES* (1985) e *LETTERS HOME* (1986). *JEANNE DIELMAN...* é uma observação sistematizada, quase “maníaca”, do dia a dia rotineiro de uma mulher de Bruxelas (Seyrig), com a prostituição a aparecer como um espectro de coloração realista. A dureza formal do filme de Akerman revela-se na sua obsessiva calendarização do tempo e das rotinas. Uma obra única na História do cinema. A apresentar em cópia digital.

► Sexta-feira [16] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

IL NE FAIT PAS CHAUD 1 | IL NE FAIT PAS CHAUD 2

de Carole Roussopoulos, Ioana Wieder,
Delphine Seyrig, Nadja Ringart (Les Insoumuses)

França, 1977 – 75 min (49 min, 26 min) / legendado eletronicamente em português | M/12

Em duas partes, documenta o contencioso de Brigitte Fontaine, Monique Piton, Mireille e Erin Pizzey com as *Éditions de femmes* em 1976 e os de Catherine Leguay e Brigitte Fontaine em 1977. Editora fundada nos anos 1970 no seio do MFL-Mouvement de Libération des Femmes, a *Éditions de femmes* nasceu com o intuito de publicar obras de escritoras ou dedicadas à emancipação das mulheres. Em 1976, um conflito laboral de uma ex-funcionária com a editora extravasa o seu caso pessoal, dando origem a *IL NE FAIT PAS CHAUD*. “As coisas não estão animadas na *Éditions des femmes* quando nos fazem calar porque a animação é muita, por assim dizer” – assim arranca a série de testemunhos quase integralmente captados em planos frontais das autoras que denunciam comportamentos e práticas da editora. Os seus casos pessoais são vistos como capítulos da mesma história duvidosa, sempre a mesma. Sucedendo à longa lista dos nomes envolvidos na produção e realização, o último quarto de hora é acústico dando a ver um encontro social.

► Sábado [17] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

► Segunda-feira [19] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

A DOLL'S HOUSE

A Casa da Boneca

de Joseph Losey

com Jane Fonda, Edward Fox, Trevor Howard,
Delphine Seyrig, David Warner, Anna Wing

Reino Unido, França, 1972 – 106 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Delphine Seyrig filmara uma primeira vez com Joseph Losey em 1968 (*L'ACCIDENT*, a partir de Harold Pinter) e reencontra-o nesta adaptação por David Mercer da clássica peça de Ibsen ambientada na Noruega do século XIX, em que interpreta o papel de Kristine. Coprotagoniza o filme com Jane Fonda, que é Nora, a mulher que se liberta do papel de mascote que vive ao lado do marido dominador que ajudou secretamente no passado cometendo um ato ilícito. *A DOLL'S HOUSE* é um título subestimado de um cineasta subestimado, que filmou recorrentemente personagens femininas fortes e conheceu alguma tensão com Fonda e Seyrig durante esta rodagem em que, não obstante, ambas compõem impressivamente os seus papéis. Primeira apresentação na Cinemateca, em cópia digital.

► Sábado [17] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

FEMMES AU VIETNAM

de Jane Fonda, Delphine Seyrig

França, 1974 – 62 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Na lista da produção das Muses, *FEMMES AU VIETNAM* surge como uma montagem sonora de diapositivos ao lado de *LA NATURE DE LA GUERRE AU VIETNAM* (1974). Trata-se de um alinhamento de imagens fotográficas vietnamitas acompanhadas por uma interpeladora voz *off*. A concepção original da montagem dos diapositivos é de Jane Fonda, que no início dos anos 1970 havia de ficar conhecida como “Hanoi Jane” pela sua estadia militante no Vietname durante a guerra e uma fotografia polémica que continua famosa (e serviu de mote a um filme de Jean-Luc Godard e Jean-Pierre Gorin, *LETTER TO JANE*, 1972). Esta é a versão comentada *off* por Delphine Seyrig, que compôs a montagem da banda sonora francesa com Sami Frey em 1973.

► Sábado [17] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

► Terça-feira [20] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

LA MUSICA

de Marguerite Duras, Paul Seban

com Delphine Seyrig, Robert Hossein, Julie Dassin

França, 1966 – 80 min / legendado eletronicamente em português | M/12

O primeiro filme de Duras foi o primeiro Duras com Seyrig, antecedendo o extraordinário díptico da extraordinária personagem de Anne-Marie Stretter composta nas margens do Ganges dos anos 1930 em *INDIA SONG* (1975) e *SON NOM DE VENISE DANS CALCUTTA DÉSERT* (1976), e o seguinte *BAXTER, VERA BAXTER* (1977) em que interpreta o papel da desconhecida. Em *LA MUSICA*, a partir da peça homónima de Duras com “ela” e “ele”, um casal separado que se reencontra três anos depois da separação para recolher a sentença de divórcio e protagoniza uma fabulosa cena fantasmática num átrio de hotel. Um filme belíssimo. É de Seyrig que Duras dirá, “O único entrave à sua liberdade é a injustiça de que os outros são vítimas”. Primeira apresentação na Cinemateca.

► Segunda-feira [19] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

► Terça-feira [20] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

LE JOURNAL D'UN SUICIDÉ

de Stanislav Stanojevic

com Delphine Seyrig, Sami Frey,
Marie-France Pisier, Sacha Pitoëff

França, 1971 – 82 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Nesta sua primeira longa-metragem que apresenta como uma comédia, Stanislav Stanojevic alia o absurdo ao drama a bordo de um cruzeiro no Mediterrâneo em que um homem e uma mulher se entregam a um jogo de sedução. Delphine Seyrig é a misteriosa tradutora-intérprete que esconde o olhar atrás de uns negros óculos escuros e Sami Frey o guia turístico que por ela se encanta, aceitando o desafio que lança uma série de linhas narrativas: “Conte-me algo de belo.” Filmado a partir do argumento adaptado de um romance de Stanojevic, que Truffaut considerou “o melhor argumento que já li”, um “argumento em espiral”, nas palavras de Marie-France Pisier, a anarquista do filme. *LE JOURNAL D'UN SUICIDÉ* navega pela narrativa, pelo preto e branco e a cor, a mono e a policromia, um decisivo ambiente sonoro composto nas dissonâncias formais e estilhaços narrativos. Uma surpresa. Primeira apresentação na Cinemateca.

A CINEMATECA COM O DOCLISBOA: A VIAGEM PERMANENTE – O CINEMA INQUIETO DA GEÓRGIA

A habitual parceria entre a Cinemateca e o Doclisboa é este ano concretizada com uma extensa retrospectiva dedicada a uma cinematografia, a da Geórgia. Constituída por obras inéditas na Cinemateca (as únicas duas exceções são “VELHAS CANÇÕES GEORGIANAS” e “O SAL DA SVANÉCIA”), esta viagem cinematográfica inicia-se nos anos 1910 e prolonga-se aos dias de hoje, atravessando todas as épocas do cinema georgiano dos primórdios à atualidade, destacando-se naturalmente a riquíssima produção feita durante o período em que o território integrou a URSS. A maioria dos filmes é exibida em versões digitais restauradas pelo Georgian National Film Center e nas versões originais em georgiano. *O texto de apresentação e as notas que se seguem são da autoria de Marcelo Felix, que, pela equipa do Doclisboa, esteve na base do programa apresentado pelas duas entidades.*

O cinema georgiano tem nos últimos anos despertado crescente atenção e expectativa internacional, talvez surpreendente dada a dimensão do país e a sua complexa situação política recente. Perto de celebrar três décadas de independência, a Geórgia foi, na sua longa existência, conhecida pela diversidade física, humana e cultural. O país, que a si mesmo se chama Sakartvelo (terra dos cartevélis), território dos antigos reinos da Cólquida e da Ibéria, alternou períodos de independência com outros de ocupação e incorporação por romanos, persas, mongóis, otomanos e russos. Não obstante, soube preservar a sua cultura única, formada por uma geografia e história que favoreceram simultaneamente o isolamento e o cosmopolitismo.

Falar de cinema georgiano é falar também, na maior parte da sua existência, de cinema soviético. A Revolução agitou tanto o Cáucaso profundo como as camadas da sociedade georgiana modernizadas pela influência russa, as quais renovariam a sua integração e relevância no contexto da URSS. Uma minoria de bolcheviques georgianos (entre os quais um certo Iosseb Djugachvili, mais conhecido pelo nome de guerra russificado, Iosif Stalin) está na vanguarda da incorporação do país na esfera soviética, mas a participação nas dinâmicas desta é protagonizada pela Geórgia: poliglota, desenvolta e proeminente na União, e ao mesmo tempo culturalmente distinta e irreduzível. A sua arte, incluindo o cinema, logo se torna um exemplo vibrante dessa excepcionalidade.

A adesão de muitos cineastas à causa revolucionária levou-os a indagar a realidade das regiões mais remotas do seu país. Perscrutando as campanhas caucasianas do Império Russo no século precedente, Nikoloz Chenguelaia evocou em ELISSO a população que já não habitava a região. As terras altas da Svanécia e da Ratcha, visitadas por Mikhail Kalatozov e Nutsa Gogoberidze, simbolizavam a dureza de uma vida primitiva com tradições e valores que persistiram até hoje, como nos conta um filme como DEDE. Na modernidade do gesto e das escolhas, o cinema georgiano assumia a vanguarda da arte da sua época. A sofisticação da estrutura narrativa em TARIEL MKLAVADZIS MKVLELOBIS SAKME é surpreendente, e TCHEMI BEBIA sintetiza febrilmente a sátira revolucionária com as linguagens futurista, expressionista e surrealista, a que acrescenta sequências com imagem animada.

O estalinismo estancou essa energia e a Geórgia mobilizou-se para os horrores da guerra, que não chegou ao seu território mas que lhe custou a perda de 350 mil vidas em combate. O cinema georgiano renasce com o Degelo e uma geração de cineastas formada em Moscovo: Abuladze, Tchkeidze, Gogoberidze, Iosseliani, Essadze, Kvirikadze, os irmãos Eldar e Guiorgui, filhos de Nikoloz Chenguelaia. Produção georgiana, MAGDANAS LURDJA foi o primeiro filme soviético premiado em Cannes, antes de em 1958 o veterano Kalatozov conseguir para a URSS a sua única palma de ouro (para longa-metragem) no mesmo festival. Nas três décadas seguintes, a ficção, o documentário e a animação dos cineastas georgianos refletiriam sobre a condição de uma sociedade dividida entre as oportunidades e os limites do império.

Nos anos seguintes à independência, com o jovem país depauperado e mergulhado em várias guerras civis, era urgente filmar, mas também muito difícil. A escassa produção da época será compensada quando a gradual estabilização política da sociedade georgiana permite o investimento estratégico na cultura. A história destas três décadas tem sido abordada por uma variedade de filmes cujo retrato caleidoscópico do país em construção revela a continuidade da tradição de relevância social e artística do cinema georgiano.

Em dez dias será possível aflorar apenas algumas obras e caminhos desse cinema que em Portugal foi quase sempre essencialmente apercebido de relance. Programámos autores influentes (Kalatozov, Abuladze, cujo MONANIEBA foi o filme-símbolo da Perestroika, Iosseliani e Paradjanov, de nacionalidade complicada), sem querer destacar as suas filmografias. Algumas ausências serão mais notadas (Mikheil Tchiaureli, cineasta oficial do estalinismo, cuja obra merece outro foco, e Guiorgui Danelia, talvez o realizador georgiano mais popular na URSS), outras (Nana Mtchedlidze, autora do magnífico IMERULI ESKIZEBI) deviam sê-lo. No panorama contemporâneo tivemos de sacrificar uma escolha mais ampla em função dos limites acrescidos de uma retrospectiva abrangente. Temur Babluani, Zaza Uruchadze e Levan Koguachvili, autores mais visíveis que a grande maioria dos seus contemporâneos, ficaram de fora, assim como vários nomes recentes com obras que poderiam ter sido incluídas.

O critério da acessibilidade não teve grande peso no caso da animação. É possível visionar, sobretudo na Internet, obras dos realizadores selecionados (e de outros que não o puderam ser, como o pioneiro Vladimer Mudjiri). Mas, além de tudo o que significa devolver ao grande ecrã um filme como GOGONA DA CHADREVANI de Sulakauri, a sua passagem lembra a urgência da recuperação e visibilidade da obra deste e de outros cineastas da animação georgiana.

A seleção agora apresentada pelo Doclisboa em parceria com a Cinemateca Portuguesa é apoiada pelo Centro Nacional do Cinema Georgiano, que disponibiliza várias cópias restauradas no âmbito do processo de preservação em curso. Este é fruto do acordo entre Geórgia e Rússia para o regresso a Tbilissi do seu património cinematográfico. É também uma oportunidade para sinalizar a importância de cada filme a exibir, num contexto onde o precário estado das cópias ou a sua indisponibilidade pura e simples condicionam qualquer programação. Ao mesmo tempo, esse percurso de retorno sublinha a vocação viajante de um cinema caracteristicamente reflexivo, cuja descoberta pode, esperamos, levar a uma relação mais atenta e profunda com a sua história e a sua actualidade. Ambas inquietas.



► Quinta-feira [22] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

O CÁUCASO PROFUNDO 1

LEKSI VEFKHISSA DA MOKMIS

“O Jovem e o Leopardo”

de Mariam Kandelaki

Geórgia, 2016 – 12 min

ELISSO

de Nikoloz Chenguelaia

URSS, 1927 – 97 min / mudo

com Kira Andronikachvili, Aleksandre Imedachvili, Kokhta Karalachvili, Ilia Mamporia

legendados em inglês e eletronicamente em português

duração total da projeção: 109 min | M/12

SESSÃO APRESENTADA POR MARCELO FELIX

O georgiano “tem talvez a maior variedade de sílabas possíveis de qualquer língua conhecida; uma riqueza de sinónimos e uma sofisticação sintáctica mais depressa associáveis às principais línguas mundiais”. Donald Rayfield introduziu assim a sua tradução inglesa do poema tradicional que Mariam Kandelaki visualiza e dá a ouvir em LEKSI VEFKHISSA DA MOKMIS, fresco animado, expressão do amor do seu país à poesia. ELISSO é a filha do decano de uma aldeia tchetchena que, com o seu amado Vajia (um georgiano, cristão) resiste ao invasor: o Império Russo, que em 1864 consolidava o seu domínio sobre o Cáucaso, massacrando e expulsando uma parte dos povos muçulmanos. Alusão ao primeiro genocídio europeu da era moderna e hino à liberdade da região, o filme de Chenguelaia (que para losseliani foi, depois de Barnett, “o melhor dos realizadores soviéticos”) contém sequências antológicas como a dança catártica dos aldeões em retirada, que espantou Eisenstein.

► Quinta-feira [22] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

O CÁUCASO E A REVOLUÇÃO 1

BUBA

de Nutsa Gogoberidze

URSS, 1930 – 39 min

MARILI SVANETS / DJIM CHVANTE

“O Sal da Svanécia”

de Mikhail Kalatozov

URSS, 1930 – 50 min

mudos / legendados em inglês e eletronicamente em português

duração total da projeção: 89 min | M/12

BUBA é uma aldeia da região montanhosa de Ratcha, na Geórgia ocidental, onde cada estação traz aos seus habitantes novos trabalhos e provações, mas também a beleza reiniciada de um lugar onde os ritmos naturais e humanos ainda se confundem e o progresso é uma promessa benévola. O filme é a confirmação de um cineasta maior, a quem a repressão impôs um longo esquecimento só recentemente vencido pelos esforços de Lana Gogoberidze, sua filha. Em MARILI SVANETS, Mikhail Kalatozov percorre uma das regiões mais remotas do Cáucaso georgiano, onde o isolamento ajudou a preservar a autonomia do povo – mas à custa de dificuldades inaceitáveis nos novos tempos soviéticos. Cineasta avesso às formas convencionais, Kalatozov “transformou um conto proto-realista-socialista numa expressão da noção filosófica clássica do ‘sublime dinâmico’, relacionado com a natureza e com a existência humana” (Serguei Kaptelev).

► Quinta-feira [22] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

► Sábado [31] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

A DIFÍCIL LIBERDADE 1

GOGONA DA CHADREVANI

“A Menina e a Fonte”

de Karlo Sulakauri

URSS, 1967 – 9 min

GRDZELI NATELI DGUEEBI

“Eka e Natia”

de Nana Ekvimichvili, Simon Gross

com Lika Babluani, Mariam Bokeria, Zurab Gogaladze, Data Zakareichvili

Geórgia, Alemanha, França, 2013 – 102 min

legendados em inglês e eletronicamente em português

duração total da projeção: 111 min | M/12

Em GOGONA DA CHADREVANI a menina que brinca com os astros recebe de presente uma tempestade e um mundo novo, com flores, água e uma companhia especial. A obra de Karlo

Sulakauri (1924-2000), expoente da animação de marionetas do seu país, distingue-se por uma ternura não isenta de ironia, que neste filme dá lugar à expressividade lírica – e à firmeza – da sua protagonista. Em GRDZELI NATELI DGUEEBI, duas adolescentes, Eka e Natia, vão preservando a sua amizade na Tbilissi de 1992, abalada pela guerra civil e o rescaldo de um golpe de estado. Narrativa de crescimento acelerado e ilusões desfeitas, o filme é também uma crónica da resistência pessoal à lógica da violência. Esse questionamento, comum a uma parte do cinema georgiano contemporâneo, é o que abranda as histórias e a sua vertigem, para preservar a evocação dos longos dias claros do título original.

► Sexta-feira [23] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

O CÁUCASO E A REVOLUÇÃO 2

UKANASKNELI DJVAROSNEBI

“Os Últimos Cruzados”

de Siko Dolidze

com Sergo Zakariadze, Chota Nozadze, Nato Vatchnadze

URSS, 1933 – 80 min

KOLMEURNIS HIGUIENA

“A Higiene do Kolkhoz”

de Vakhtang Chvelidze

URSS, 1934 – 17 min

mudos / legendados em inglês e eletronicamente em português

duração total da projeção: 97 min | M/12

O assassinato de um kolkhoziano tchetcheno é atribuído à vizinha aldeia khevsur. Recusando a vingança, os tchetchenos assinalam a morte como fim simbólico da tensão milenar entre os dois povos, um muçulmano e o outro cristão. Até que um khevsur é, por sua vez, assassinado. Abordagem da realidade conflituosa do Cáucaso pelo prisma do trabalho civilizador do novo poder soviético, UKANASKNELI DJVAROSNEBI procura sublinhar o contraste com as práticas do regime czarista. Através de um filme projetado dentro do filme, Vakhtang Chvelidze divulga, em KOLMEURNIS HIGUIENA, a campanha sanitária oficial, sublinhando a questão da higiene, dos cuidados com a saúde e até da distância física – e social... Cabe às novas gerações a reeducação de uma comunidade habituada a poupar na água e no sabão, sendo que essa conversão à limpeza também pressupõe uma ordem, a qual curiosamente parece antecipar um ideal de família suburbana norte-americana.

► Sexta-feira [23] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

A DIFÍCIL LIBERDADE 2

DILIS ROMANSI

“Romance da Manhã”

de Vakhtang Kuntsev-Gabachvili

com Mamuka Tkechelachvili, Guia Narimanidze, Sandro Kurachvili

Geórgia, 1996 – 15 min

RO TSA DEDAMITSA MSUBUKIA

“Quando o Planeta Parece Leve”

de Salome Matchaidze, Tamuna Karumidze, David Meskhi

Geórgia, Alemanha, 2015 – 76 min

legendados em inglês e eletronicamente em português

duração total da projeção: 91 min | M/12

“Numa época difícil, amizade, delicadeza e grandeza de alma permitirão aos protagonistas não desperdiçar o seu talento.” À época da sinopse do festival de Clermont-Ferrand (1997), o tom de DILIS ROMANSI, fábula de camaradagem masculina, era uma resistência à erosão da sociedade georgiana. O olhar empático do cineasta, ainda no curso de imagem do Instituto de Teatro e Cinema, abarca essa sociedade com uma convicção que transcende amplamente a modéstia dos seus meios. A juventude urbana na entrada da idade adulta, entre a expansão e o retraimento, protagoniza ROTSA DEDAMITSA MSUBUKIA. A transformação do país e da sua percepção pelas gerações mais novas acarreta a partilha com a sociedade de um espaço simbólico e concreto, que uma cidade como Tbilissi precisa saber inventar. Entre os interiores noturnos onde se ensaia a música e os espaços onde o sol banha o corpo dos skaters, os novos georgianos refletem e ganham tempo.

► Sexta-feira [23] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

ENÉRGICA MODERNIDADE 1

KOMUNARIS TCHIBUKI

“O Cachimbo do Communist”

de Kote Mardjanichvili

com Uchangui Tchkhedze, Serioja Zabozaiev, Veriko Andjaparidze, T. Menzone

URSS, 1929 – 50 min

TCHEMI BEBIA

“A Minha Avó”

de Kote Mikaberidze

com Aleksandre Takaichvili, Ielena Tchernova, Ievgueni Ovanov, Akaki Khorava

URSS, 1929 – 60 min

mudos / legendados em inglês e eletronicamente em português

duração total da projeção: 110 min | M/12

KOMUNARIS TCHIBUKI, menos conhecida que NOVI VAVILON (“A NOVA BABILÓNIA”), também sobre a comuna de Paris, é uma obra visualmente esplêndida que marca o apogeu do seu realizador, vindo do teatro. Sozinho em casa, o pequeno Jules passa fome enquanto nas ruas parisienses o povo se revolta e organiza barricadas. O pai, um pedreiro, junta-se aos revolucionários, levando o filho, cujo entusiasmo e cujo cachimbo depressa são notados tanto por camaradas como por inimigos, conduzindo a um desfecho estarrecedor. Em TCHEMI BEBIA, uma grande repartição oficial assemelha-se a um organismo pesado, com funcionários-órgãos ineficazes. Esperando em vão resposta ao seu requerimento, um operário perde a paciência, motivando o despedimento de um burocrata, que tenta reaver o emprego através da proteção de uma avó – isto é, de uma cunha. A demolição da burocracia é o projeto deste filme que cruza a estética e o delírio de várias vanguardas. Rapidamente banido, só foi oficialmente reabilitado em 1968.

► Sábado [24] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

O CÁUCASO PROFUNDO 2

MAGDANAS LURDJIA

“O Burro de Magdana”

de Tenguz Abuladze, Rezo Tchkhedze

com Dudukhana Tserodze, Liana Moistsrapichvili,

Mikho Borachvili, Akaki Kvantaliani, Nani Tchikvinidze

URSS, 1955 – 70 min

ALAVERDOBA

“Alaverdoba”

de Guiorgui Chenguelaia

com Gueidar Palavandichvili, Kote Dauchvili, Irakli Kokrachvili

URSS, 1962 – 41 min

legendados em inglês e eletronicamente em português

duração total da projeção: 111 min | M/12

A viúva Magdana procura sustentar-se e aos três filhos com um comércio de iogurte que a obriga a uma itinerância longa e penosa à cidade – até recolher um burro maltratado que poderá melhorar a vida a toda a família. Tratando o Cáucaso de finais do século XIX com uma sensibilidade neorrealista possibilitada pelos primeiros anos do Degelo, e integrando alusões a outras épocas e injustiças, MAGDANAS LURDJIA, premiado em Cannes, marcou o renascimento do cinema georgiano. Em ALAVERDOBA, o festival religioso homónimo, da região da Cachétia, recebe a visita de um jornalista fascinado pela dinâmica pouco espiritual dos peregrinos, a quem acabará por desafiar. A sua posição paradoxal, de idealista laico escandalizado pelo farisaísmo, abre o filme a várias interpretações ideológicas.



KOMUNARIS TCHIBUKI

- ▶ Sábado [24] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Quarta-feira [28] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

ENÉRGICA MODERNIDADE 2

KRISTINE

de Aleksandre Tsutsunava, Guermane Goguitidze
com Antonine Abelichvili, Guiorgui Pronispireli, Vasso Arabidze
Geórgia, 1918 – 25 min

MZAGO DA GUELA

“*Mzago e Guela*”
de Lev Puch, Chalva Khushkivadze
com Rimma Mkheidze, Levan Khotivari, Aleksandre Tsitlidze
URSS, 1932-34 – 60 min
mudos / legendados em inglês e eletronicamente em português

duração total da projeção: 85 min | M/12

Abandonada pelo homem por quem se apaixonou, Kristine vê-se numa situação desesperada, grávida e hostilizada pela família e pela sua aldeia. Após um suicídio falhado, resta-lhe refugiar-se na cidade, onde a acolhe, com péssimas intenções, a mãe de uma amiga. Um filme italiano que passava no seu próprio cinema deu a Goguitidze a ideia de produzir este primeiro filme georgiano de ficção, que Tsutsunava, encenador de renome, foi chamado a realizar. Em MZAGO E GUELA, Mzago é uma montanhesa khevsur de espírito aventureiro que, fascinada pela rádio, abraça os tempos de mudança e parte para a cidade grande. O seu pretendente Guela, menos aventureiro, decide-se a segui-la. A abertura de horizontes coletivos e individuais no Cáucaso dá origem a uma comédia desenvolvida, já rara à época de lançamento do filme.

- ▶ Sábado [24] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

A DIFÍCIL LIBERDADE 3

METEVEZ DA GOGONA

“*O Pescador e a Menina*”
de Mamuka Tkechelachvili
Geórgia, 2018 – 15 min

SIMINDIS KUNDZULI

“*A Ilha do Milho*”
de Guiorgui Ovachvili
com Ilias Salman, Mariam Buturichvili, Irakli Samuchia
Geórgia, 2014 – 100 min
legendados em inglês e eletronicamente em português

duração total da projeção: 115 min | M/12

Com o pai pescador ausente no mar, a filha imagina-o em apuros, defrontando um peixe maligno que lhe desfaz a frágil embarcação. Ou talvez ela não o imagine apenas. A animação tridimensional de METEVEZ DA GOGONA, de recortes e bonecos, soma camadas de representação e de sonho sem saturar o permanente apelo dos seus achados, onde cabem a evocação de Moby Dick e da estrela do mar de Man Ray. SIMINDIS KUNDZULI descreve as ilhas férteis formadas pela torrente anual do rio Inguri, logo ocupadas por camponeses na esperança de uma colheita compensadora. Avô e neta, abecazes, ocupam uma delas, sob o olhar intimidante de militares da Abecázia, Geórgia e Rússia que patrulham as imediações. Tradição ameaçada pela imprevisibilidade do clima e dos homens, o milho fluvial ganhou a sua memória definitiva com este filme de Ovachvili, prémio principal em Karlovy Vary, onde foi estreado.

- ▶ Segunda-feira [26] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

O PEQUENO OCEANO

PONTO, CHAVI, CHAVI ZGVA

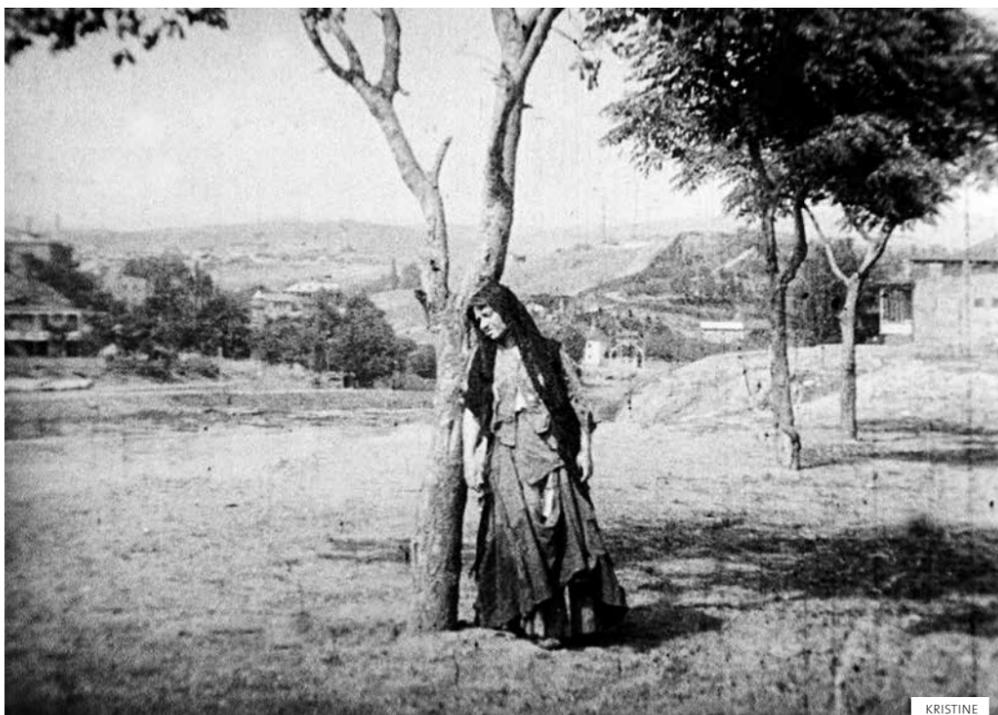
“*Ponto, o Mar Negro, Negro*”
de Nodar Beguiachvili
Geórgia, 2001 – 14 min

MOTSURAVE

“*O Nadador*”
de Irakli Kvirikadze
com Elgudja Burduli, Ruslan Mikaberidze, Baadur Tsuladze,
Nana Kvatchantiradze, Nana Djordjadze
URSS, 1981 – 75 min
legendados em inglês e eletronicamente em português

duração total da projeção: 89 min | M/12

Ponto Euxinos chamavam os gregos ao Mar Negro: mar amistoso. É o que em PONTO, CHAVI, CHAVI ZGVA inspira a jornada veranieira pelo pequeno oceano (como lhe chamou Steinbeck) que banha a costa georgiana, através dos desenhos e impressões narradas de dezenas de crianças, que compõem uma pequena epopeia de reconhecimento e aventura. Já MOTSURAVE é a saga de três gerações de uma família assombrada pelo feito extraordinário, mas não documentado, do seu patriarca: a travessia do Mar Negro, a nado, entre Batumi e Poti. Uma equipa de filma-



KRISTINE

gem tenta contar essa história – que é, também, parte da história submersa do país.

- ▶ Segunda-feira [26] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Quinta-feira [29] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

À MARGEM DO FUTURO

MOGZAUROBA SOPOTCHI

“*Uma Viagem a Sopot*”
de Nana Djordjadze
com Guiorgui Dadiani, Omar Gvassalia
URSS, 1979-1987 – 29 min

UKANASKNELNI

“*Os Últimos*”
de Aleksandre Rekhviachvili
Geórgia, 2006 – 70 min
legendados em inglês e eletronicamente em português

duração total da projeção: 99 min | M/12

Gogui e Omar introduzem-se fugazmente em comboios suburbanos para vender fotografias pornográficas. Sem outra perspectiva que sobreviver a cada dia, os dois marginais transformam a sua convergência de circunstância numa camaradagem que talvez os resgate, se o mundo não interferir. MOGZAUROBA SOPOTCHI, filme de fim de curso de Nana Djordjadze, foi interdito e liberado no ano em que ROBINSONADA, a sua primeira longa-metragem, recebeu a Câmara de Ouro em Cannes. Em UKANASKNELNI, os ritmos do trabalho e do lazer nas povoações de Guebi e Tchiora, de difícil acesso, devem muitas das suas características únicas a uma longuíssima história de isolamento. À natureza rude e bela da Ratcha correspondem cultura, técnicas e hábitos que fazem parte do mesmo ecossistema. A perspectiva do seu desaparecimento não é unilateral: últimos seremos nós também, testemunhas de filmes raros como este.

- ▶ Terça-feira [27] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

ARTE QUE SE EXPÕE 1

ARABESKEBI PIROSMANIS TEMAZE

“*Arabescos sobre o Tema de Pirosmani*”
de Serguei Paradjanov
com Aleksandr Djanchiev, Leila Alibegachvili
URSS, 1985 – 21 min

PIROSMANI

“*Pirosmani*”
de Guiorgui Chenguelaia
com Avtandil Varazi, Dodo Abachidze, Zurab Kapianidze
URSS, 1969 – 84 min
legendados em inglês e eletronicamente em português
duração total da projeção: 105 min | M/12

Enquadrada pelo olhar de Paradjanov, a pintura de Niko Pirosmani (1862-1918) é avivada, justaposta e decomposta, numa organização em capítulos que lhe visita e entrelaça as obras como os arabescos do título. O filme valeu a Paradjanov um curioso prémio em Roterdão, o de Realizador do Futuro. Com

PIROSMANI Chenguelaia abordou o dilema entre a integridade artística e o compromisso com o poder, num *biopic* a um tempo muito livre e muito rigoroso, como se o autor propusesse a liberdade austera e radical de Pirosmani como modelo para a sociedade. Inesquecível no papel principal, um outro pintor fundamental, Avto Varazi.

- ▶ Terça-feira [27] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

ARTE QUE SE EXPÕE 2

ARACHVEULEBRIVI GAMOFENA

“*Uma Exposição Invulgar*”
de Eldar Chenguelaia
com Guram Lordkipanidze, Valentina Telitchkina,
Vassili Tchkhaidze, Dodo Abachidze
URSS, 1968 – 94 min / legendado em inglês e eletronicamente em português | M/12

Em guerra contra os nazis ou na paz de Kutaissi, onde reside, o escultor Aguli Eristavi só se interessa pela sua arte e pelo seu mármore de Paros com que fará uma obra grandiosa. Enquanto isso não sucede, vai acumulando bustos no cemitério local, onde o seu talento está sempre presente. Metáfora do impasse de uma geração após o Degelo, com um tom de delicado desencanto que o autor jamais perderia na sua análise mordaz da sociedade soviética.

- ▶ Quarta-feira [28] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

O CÁUCASO CANTADO

RA NI NA

de Mikheil Bakhanov
com Jansug Kakhidze
URSS, 1974 – 9 min

DZVELI KARTULI SIMGUERA

“*Velhas Canções Georgianas*”
de Otar Iosseliani
URSS, 1969 – 16 min

NERGUEBI

“*Árvores Futuras*”
de Rezo Tchkhaidze
com Ramaz Tchkhikvadze, Michiko Meskhi, Kakhi Kavsadze
URSS, 1972 – 93 min
legendados em inglês e eletronicamente em português
duração total da projeção: 118 min | M/12

Em RA NI NA a cantilena do protagonista é corrigida por todos os desconhecidos com quem se cruza, com resultados hilariantes. Entre “FOLHAS CAÍDAS” e “ERA UMA VEZ UM MELRO CANTOR”, Iosseliani propôs-se documentar o canto religioso de várias regiões do país, nas suas línguas respectivas. O resultado foi DZVELI KARTULI SIMGUERA, pequena digressão visual iniciada na Svanécia, fascinada pelas paisagens e pelos rostos, o trabalho e os corpos. Em NERGUEBI, a pereira que Luka pretende legar ao neto é uma árvore rara, de crescimento lento, e cuja aquisição os obrigará a uma procura longe de casa. A viagem que empreendem, cheia de peripécias inesperadas, talvez não alcance o êxito botânico desejado, mas a ambos não faltará o que colher pelo caminho – além de canções de aprendizagem essencial. Ramaz Tchkhikvadze tinha 44 anos quando interpretou este avô memorável.

► Quarta-feira [28] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

PROGRESSOS DO QUOTIDIANO NORMAL 1

KOLGA

“O Chapéu de Chuva”

de Mikheil Kobakhidze

com Guia Avalichvili, Djana Petraitite, Ramaz Guiorgobiani

URSS, 1966 – 19 min

RAMDENIME INTERVIU PIRAD SAKITKHEBZE

“Algumas Entrevistas sobre Assuntos Pessoais”

de Lana Gogoberidze

com Sofiko Tchiaureli, Guia Badridze, Ketevan Orakhelachvili

URSS, 1978 – 95 min

legendados em inglês e eletronicamente em português
duração total da projeção: 114 min | M/12

Em KOLGA, o encontro romântico de um guarda de passagem de nível é perturbado pela aparição de um chapéu de chuva, autónomo e desacompanhado, que passa a dominar as atenções do par. O cinema de Kobakhidze, no qual a realidade parece sempre em risco, traz implícita uma disposição subversiva que altera, num sentido amplo, as leis da gravidade. E ninguém lhe é insensível, das autoridades que o desencorajaram ao espectador que não sabe o que esperar. Jornalista dedicada, convicta da importância da sua profissão, Sofiko apercebe-se de que a sua carreira não é valorizada nem compreendida pelo marido e pela família. À época de RAMDENIME INTERVIU PIRAD SAKITKHEBZE, outras cineastas soviéticas (Larissa Chepitko, Nana Mchedlidze) refletiam sobre a condição feminina, mas Gogoberidze parte de uma percepção de igualdade repentinamente desfeita, com uma personagem que tem, idealmente, o dever de procurar a verdade.

► Quinta-feira [29] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

PROGRESSOS DO QUOTIDIANO NORMAL 2

ERTI NAKHVIT CHEKVAREBA

“Amor à Primeira Vista”

de Rezo Essadze

com Vakhtang Pantchulidze, Natalia Iurizditskaia, Ramaz Tchkhikvadze

URSS, 1975-88 – 122 min / legendado em inglês e eletronicamente em português | M/12

O amor à primeira vista, constante e não correspondido de um adolescente azeri por uma rapariga russa dois anos mais velha. O filme teve uma produção turbulenta e a versão final acabou interdita devido à desavença entre Essadze e um censor a propósito de uma cena secundária. Uma obra invulgar, de tom por vezes excêntrico e suave erotismo, a redescobrir.

► Quinta-feira [29] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

NOTÍCIAS DA VIOLÊNCIA

TCHIRI

“A Peste”

de Davit Takaichvili

URSS, 1983 – 10 min

BO-BO

de Levan Tchkonია

URSS, 1986 – 9 min

SKHVISSI SAKHLI

“A Casa dos Outros”

de Russudan Glurdjidze

com Salome Demuria, Ia Sukhitachvili, Olga Dikhovitchnaia

Geórgia, 2016 – 103 min

legendados em inglês e eletronicamente em português

duração total da projeção: 122 min | M/12

A doença nasce nos ambientes insalubres e espalha-se no espaço oferecido pela imprudência. A doença muda as almas e uniformiza as vontades e a paisagem. A doença é veloz, popular e anseia superar-se. Ela custa a passar e talvez regresse. TCHIRI recebeu a Palma de Ouro de Cannes para melhor curta-metragem em 1984. Em BO-BO, largada sobre o alvo numa guerra qualquer, uma bomba ganha consciência da beleza do mundo que deve destruir. Em vez de prosseguir a queda, ela vagueia e contempla a natureza e as obras dos homens. Mas talvez não consiga convencer outras colegas menos sensíveis. Derradeiro filme de Levan Tchkonია, cineasta multifacetado, falecido aos 27 anos. Em SKHVISSI SAKHLI, um casal e seu filho ocupam uma casa numa aldeia deserta, ignorando a presença na vizinhança de uma outra família, que os espregueira com apreensão. As casas alheias são territórios agrestes, carregados de memória e de dor, que nenhum dos participantes deste conto de ambígua culpa e geografia, passado pouco depois da guerra na Abecásia, tem o poder de remediar.

► Sexta-feira [30] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

GEORGIA ON MY MIND 1

MEKVLE

“A Primeira Visita”

de Goderdzi Tchokheli

URSS, 1981 – 14 min

TCHASSARBENI TSIKHE

“A Torre”

de Salome Djachi

Geórgia, 2018 – 4 min

ME GADAVTSURE ENGURI

“Atravessei o Rio Inguri”

de Anuna Bukia

Geórgia, 2016 – 62 min

legendados em inglês e eletronicamente em português

duração total da projeção: 80 min | M/12

Em MEKVLE uma mulher convida para sua casa o primeiro visitante do Ano Novo, ao qual se atribui o poder de trazer sorte a quem o recebe. A tradição da Primeira Visita é um dos momentos de vida comunitária da aldeia de Tchokhi que escutamos na evocação sonora construída por um dos habitantes que a abandonaram: o próprio realizador, perscrutando as paisagens sem vitalidade da sua região natal. TCHASSARBENI TSIKHE é um apontamento sobre o absurdo e a desolação: “A Torre era um sítio emblemático da aldeia de Ksuissi. Era aqui que os miúdos vinham quando faltavam à escola, que os homens se encontravam para beber um copo, que os casais se escondiam para dar

um beijo. Depois da guerra russo-georgiana de 2008 a aldeia foi ocupada pela Rússia, mas a torre continuou no lado georgiano.” Em ME GADAVTSURE ENGURI, a realizadora cruza clandestinamente, 24 anos após a guerra civil, o rio e a barreira de arame farpado que separam a Geórgia e a Abecásia. Ela irá tentar chegar a Sukhumi, agora capital de outro país, para encontrar a casa que teve de abandonar aos quatro anos.

► Sexta-feira [30] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

O CÁUCASO PROFUNDO 3

EIN KRIEGSWIEGENLIED

“Canção de Embalar com Armas”

de Lana Ugrekhelidze

Alemanha, 2019 – 9 min

DEDE

de Mariam Khatchvani

com Natia Vibliani, Guiorgui Babluani,

Guirchel Tchelidze, Nukri Khatchvani

Geórgia, Croácia, Reino Unido, Irlanda, 2017 – 97 min

legendados em inglês e eletronicamente em português

duração total da projeção: 106 min | M/12

Nas montanhas da Svanécia, uma jovem viúva resiste a separar-se do filho, a quem deve abandonar se for reclamada por um pretendente. Duas tragédias levaram-na a essa situação, que não parece prestes a melhorar. Drama convicto, iniciado em 1992 na guerra com a Abecásia, DEDE (Mãe em língua suana) assinala a persistência na região de uma violência arcaica sobre a mulher, assim como da natureza grandiosa e dos trilhos difíceis que o filme incorpora na narrativa. A abrir a sessão, EIN KRIEGSWIEGENLIED evoca a guerra civil na Abecásia, com a expulsão das famílias georgianas da capital, Sukhumi, em 1993. Os residentes em fuga, incluindo muitas crianças, são os protagonistas desta animação de colagens baseada em imagens dos acontecimentos.

► Sábado [31] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

O CÁUCASO PROFUNDO 4

TARIEL MKLAVADZIS MKVLELOBIS SAKME

“O Caso de Tariel Mklavadze”

de Ivane Perestiani

com Kote Mikaberidze, Nato Vatchnadze,

Mito Kadaguidze, Mikheil Kalatozichvili

URSS, 1925 – 98 min / mudo, legendado em inglês e eletronicamente em português | M/12

Tariel Mklavadze, príncipe violento e devasso, tenta apoderar-se de uma desconhecida sem olhar a consequências. Três futuros nomes de peso do cinema georgiano, os realizadores Mikaberidze e Kalatozov e a atriz Nato Vatchnadze, estrela por excelência do cinema soviético nos anos 1920-30, participam deste filme fascinante, cuja narrativa em *flashback* envolve o espectador numa reflexão sobre o enredo, as personagens e as considerações do autor.

► Sábado [31] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

GEORGIA ON MY MIND 2

EN CHEMIN / GZAZE

“A Caminho”

de Mikheil Kobakhidze

com Cyr Chevalier

França, 2003 – 13 min

OKROS DZAPI

“O Fio Dourado”

de Lana Gogoberidze

com Temiko Tchitchinadze, Nana Djordjadze,

Guranda Gabunia, Zura Kipchidze

Geórgia, França, 2019 – 90 min

legendados em inglês e eletronicamente em português

duração total da projeção: 103 min | M/12

Um viajante carregado de bagagem na praia deserta, às voltas com a vida dos objetos e a agitação dos elementos. Com EN CHEMIN, o cinema de Mikheil Kobakhidze retoma o caminho interrompido e despede-se com um olhar expectante. A Viagem Permanente do inquieto cinema georgiano prossegue com OKROS DZAPI, o mais recente filme de Lana Gogoberidze. Uma escritora octogenária, confinada em casa da família por razões de saúde, tem de partilhar o espaço com a sogra da filha. A sogra, com um princípio de demência, havia sido uma orgulhosa funcionária soviética e ainda lamenta o país perdido. Já a escritora reconsidera o seu passado e presente, estimulada pelo interesse de um antigo apaixonado. Estreado em Tbilissi em dezembro último, o filme sonda os sentimentos e as razões de um país à procura do seu destino.



KOLGA

DUPLOS E GÉMEOS

A ideia deste ciclo é percorrer filmes cuja narrativa explore o tema do “duplo”, fazendo com que o ator principal represente dois papéis diferentes ou, de certa forma, duas vezes o mesmo papel. Este tema foi ilustrado no cinema através de diversas formas narrativas: filmes em que a personagem principal se desdobra noutra, em casos de dupla personalidade, de que a história do Dr. Jekyll e Mr. Hyde é o exemplo mais célebre; filmes em que o protagonista assume a personalidade alheia numa impostura assumida, antes de ser desmascarado ou revelar a verdade; filmes em que o protagonista julga ver num interlocutor um duplo ou uma reencarnação de um amor passado; ou filmes em que o/a protagonista tem um/a gémeo/a, cuja personalidade costuma ser muito diferente da sua e nos quais, muitas vezes, um dos gémeos mata o outro e assume, enquanto pode, o papel dos dois. O tema, nas suas diversas variantes, é tão antigo como o cinema, foi abordado nas cinematografias mais variadas (a alemã dos anos 1920, a de Bollywood dos anos 1970) e pode ser encontrado em filmes com altas ambições artísticas, assim como em melodramas descabelados, filmes de terror, de aventura, comédias e até em parábolas políticas, como poderemos constatar ao longo do ciclo. Cineastas tão diferentes como Friedrich W. Murnau (o perdido DER JANUSKOPF), Sacha Guitry (LA VIE D’UN HONNÊTE HOMME), Terence Fisher (THE TWO FACES OF DR. JEKYLL), Julien Duvivier (THE IMPOSTOR), Robert Mulligan (THE OTHER) ou Jean Renoir (LE TESTAMENT DU DOCTEUR CORDELIER) abordaram o tema, que também está no cerne de um dos filmes mais célebres de Alfred Hitchcock, VERTIGO. Pelo que têm de óbvio, este ciclo evita deliberadamente as diversas versões do tema do Dr. Jekyll, que suscitou dezenas de filmes que justificariam um programa exclusivamente dedicado às variantes do romance de Robert Louis Stevenson. Começamos com um grande clássico do cinema mexicano, LA OTRA, e prosseguimos com a mais célebre dupla cómica da história do cinema, Laurel and Hardy / Bucha e Estica, com três filmes em que se desdobram em variações de si mesmos. Podemos também ver ou rever um dos filmes protagonizados por Bette Davis sobre o tema das gémeas, DEAD RINGER, antes de percorrermos uma série de títulos relativamente pouco vistos do período clássico (que genericamente pertencem à categoria do *filme negro*), até chegarmos a produções mais próximas de nós, totalmente díspares, incluindo um filme de artes marciais. Desde que Georges Méliès descobriu, em finais do século XIX, que há “efeitos especiais” no cinema, sabemos que há coisas que “só no cinema” podem existir. Uma delas é ver um ator a dialogar consigo mesmo, em dois papéis diferentes, fenómeno cinematográfico de que este ciclo é uma pequena amostra.



- ▶ Quinta-feira [1] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Segunda-feira [19] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

LA OTRA

A Sombra da Outra

de Roberto Gavaldón

com Dolores del Río, Agustín Irusta, Víctor Junco

México, 1946 – 98 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Depois de ter feito carreira em Hollywood nos anos 1920 e 30, a mexicana Dolores del Río regressou em 1943 ao seu país natal, onde seria uma vedeta absoluta, vista como a encarnação da beleza e da elegância, numa cinematografia que é, em parte, decalcada da americana e na qual não faltavam talentos e muita competência técnica. Em LA OTRA, Dolores del Río interpreta o papel de duas irmãs gémeas, uma rica e cínica, a outra pobre e trabalhadora. A primeira enfiada e herda toda a fortuna do marido, a outra mata-a e assume o seu lugar, mas acaba enredada nos crimes que a irmã cometera por debaixo da fachada respeitável. No cerne do argumento está o tema da transferência da culpa, pois a protagonista é perseguida por um crime que não cometera e não por aquele que comete. Como é regra no cinema mexicano clássico, a fotografia é magnífica e dá forma visual aos conflitos e sentimentos das personagens, num filme que nunca assume um tom melodramático e cuja *mise en scène* é soberba. Primeira apresentação na Cinemateca, em cópia digital.

- ▶ Sexta-feira [2] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

THE LADY EVE

As Três Noites de Eva

de Preston Sturges

com Henry Fonda, Barbara Stanwyck, Charles Coburn, Eugene Pallette, William Demarest, Eric Blore

Estados Unidos, 1941 – 94 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Uma das mais divertidas comédias americanas da década de 1940 e um dos títulos que fizeram reavaliar a obra de Preston Sturges muitos anos depois. Vagamente baseado em *Two Bad Hats* de Monckton Hoffs, que foi igualmente o seu título de trabalho, THE LADY EVE é profuso em jogos de duplos, máscaras e subentendidos. No papel de uma vigarista que faz dupla com o pai procurando seduzir um milionário que regressa de uma expedição no Amazonas mais interessado em cobras do que em mulheres, Barbara Stanwyck transforma-se em Lady Eve.

- ▶ Sábado [3] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

DEAD RINGER

A Morte Bate Três Vezes

de Paul Henreid

com Bette Davis, Karl Malden, Peter Lawford

Estados Unidos, 1964 – 115 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Realizado por Paul Henreid, que encarna o heroico resistente casado com Ingrid Bergman em CASABLANCA, DEAD RINGER (um dos sentidos da palavra *ringer* é *impostor*) adapta a mesma história de Rian James que serviu de base a LA OTRA, de Roberto Gavaldón: duas irmãs gémeas, uma rica e uma remediada, encontram-se no funeral do marido da primeira, depois de 18 anos sem se verem. Velhos rancores vêm à tona, uma mata a outra e assume o seu lugar, mas acaba por ser desmascarada. Embora realizado num período em que Bette Davis representava papéis de megera cada vez mais exagerados (WHATEVER HAPPENED TO BABY JANE?, HUSH... HUSH, SWEET CHARLOTTE), o filme evita qualquer excesso e a narrativa desenrola-se num tom sóbrio, mostrando a protagonista como uma vítima de si mesma. DEAD RINGER não é mostrado na Cinemateca desde 2006. A apresentar em cópia digital.

- ▶ Sábado [3] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

BRATS

de James Parrott

com Stan Laurel, Oliver Hardy

Estados Unidos, 1930 – 20 min

TWICE TWO

de James Parrott

com Stan Laurel, Oliver Hardy

Estados Unidos, 1933 – 20 min

OUR RELATIONS

Irmãos Gémeos

de Harry Lachman

com Stan Laurel, Oliver Hardy

Estados Unidos, 1936 – 70 min / legendados eletronicamente em português

legendados eletronicamente em português

duração total da sessão: 110 min | M/12

Stan Laurel e Oliver Hardy, rebatizados Bucha e Estica em Portugal, formam sem dúvida a dupla mais célebre da

história do cinema, com um físico muito contrastante e um comportamento muito semelhante. Nos três filmes do programa, o duo desdobra-se e cada um deles encarna uma outra personagem, além da própria. Em BRATS (literalmente, “crianças chatas”), o duo anda às voltas com os seus filhos, encarnados por miniaturas deles mesmos. Em TWICE TWO, cada um casou com a irmã do outro e encarna este papel num jogo de simetrias perfeito, ao passo que em OUR RELATIONS cada um deles tem um irmão gémeo que reencontra depois de muitos anos, o que os meterá em grandes confusões. Saído da fabulosa escola do cinema burlesco mudo americano, o mais simpático par de incompetentes da história do cinema pode ser visto em dose dupla neste programa. Primeiras apresentações na Cinemateca, em cópias digitais.

- ▶ Terça-feira [6] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

- ▶ Sexta-feira [16] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

DEAD RINGERS

Irmãos Inseparáveis

de David Cronenberg

com Jeremy Irons, Geneviève Bujold, Heidi von Palleske

Canadá, 1988 – 115 min / legendado eletronicamente em português | M/16

Baseado num romance de Bari Wood, DEAD RINGERS marca uma mudança no cinema de Cronenberg, como especificou o realizador, porque “é um drama realista, ao passo que os meus outros filmes são considerados filmes de terror ou ficção científica. Em todos os filmes com gémeos que conheço, um dos dois é a encarnação do mal, ao passo que o outro é um indivíduo banal. Não é o caso no meu filme”. De facto, em DEAD RINGERS os gémeos não são idênticos apenas por fora, também o são por dentro. Ambos são ginecologistas e aproveitam-se do facto de serem idênticos para manipularem as suas pacientes. A fusão entre os irmãos é de tal ordem que quando um deles cai numa forma de toxicod dependência e tem alucinações o segundo toma as mesmas drogas, para saírem juntos do pesadelo. No desenlace, um pede para ser “libertado” do outro. O desempenho de Jeremy Irons no duplo papel foi especialmente elogiado, pelo facto de os irmãos não terem um comportamento contrastante, como é regra nos filmes com gémeos, o que torna a fusão entre ambos ainda mais impressionante. Não é mostrado na Cinemateca desde 2010. A apresentar em versão digital.

► Quarta-feira [7] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

DOUBLE IMPACT

Van Damme – Duplo Impacto
de Sheldon Lettich

com Jean-Claude Van Damme, Geoffrey Lewis, Alonna Shaw
Estados Unidos, 1991 – 110 min / legendado eletronicamente em português | M/12

O êxito internacional dos filmes de kung-fu em inícios dos anos 1970 engendrou um novo filão, os “filmes de ação” recheados de artes marciais, que constituíram um dos géneros mais populares dos anos 1980, com musculosas vedetas que eram o equivalente moderno dos Hércules e Macistes do cinema dos anos 1950 e 60: Sylvester Stallone, Arnold Schwarzenegger e, mais tarde, Jean-Claude Van Damme, cerca de 15 anos mais novo. Com a intenção de variar a sua imagem, Van Damme (que participou na escrita do argumento) decidiu fazer um filme em que tivesse dois papéis diferentes e o resultado foi DOUBLE IMPACT: dois gémeos são separados em bebés, um é criado em Hong Kong e o outro em França (“estranhamente, ambos falam inglês com o mesmo sotaque belga”, observou, não sem perfídia, um comentarista da *Sight & Sound*). 25 anos depois, os dois acabam por se encontrar e, embora não se apreciem e sejam muito diferentes, unem-se para vingar a morte dos pais e recuperarem dinheiro que lhes era devido. Ambientado inteiramente em Hong Kong, DOUBLE IMPACT é um típico filme “de ação”, com elementos de artes marciais, mas não se limita a uma sucessão de cenas de efeito e pancadaria, também tem uma narrativa bem construída. Primeira apresentação na Cinemateca.

► Sexta-feira [9] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

LE GRAND JEU

A Última Cartada
de Jacques Feyder

com Marie Bell, Pierre-Richard Willm,
Charles Vanel, Françoise Rosay

França, 1934 – 120 min / legendado eletronicamente em português | M/12

O belga Jacques Feyder teve uma importante carreira durante o período mudo, em França (o magnífico *L'ATLANTIDE*) e em Hollywood, onde realizou o último filme mudo de Greta Garbo e a versão alemã do seu primeiro filme sonoro (*THE KISS* e *ANNA CHRISTIE*, respectivamente). Sem estar esquecido, Feyder não é, hoje em dia, objeto do prestígio que merece. Em *LE GRAND JEU*, que reúne uma equipa de prestígio (música de Hans Eisler, cenários de Lazare Meerson) e cujo argumento escreveu com Charles Spaak, Feyder ilustra o tema da geminação através da obsessão amorosa do protagonista. Este, um advogado parisiense coberto de dívidas devido aos caprichos da amante, alista-se na Legião Estrangeira. Num bordel na África do Norte, conhece uma prostituta quase idêntica à sua amante parisiense (a personagem é representada pela mesma atriz, porém dobrada por outra, de modo a sublinhar a diferença). Como a mulher tem falhas de memória, o homem tenta convencê-la de que ela é a outra. Um filme extremamente subtil, que não é apresentado na Cinemateca desde 1993.

► Terça-feira [13] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

THE OTHER

O Outro

de Robert Mulligan

com Chris Udvarnoky, Martin Udvarnoky,
Uta Hagen, Diana Muldaur

Estados Unidos, 1972 – 99 min / legendado eletronicamente em português | M/12

THE OTHER é um dos filmes mais notáveis de Robert Mulligan e teve grande impacto à época. O tema do filme é a violência psicológica. Adaptado de um romance de Tom Tryon, é a história de duas crianças gémeas que vivem com a avó, durante os anos 1930. As duas crianças entregam-se a jogos cheios de maldade, com consequências mortíferas para terceiros. É um filme estranho e perturbante, em que Mulligan trata o tema do mal e das suas duplicidades. Não é apresentado na Cinemateca desde 2009.

► Quarta-feira [14] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

► Sexta-feira [30] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

THE DARK MIRROR

O Espelho da Alma

de Robert Siodmak

com Olivia de Havilland, Thomas Mitchell, Lew Ayres

Estados Unidos, 1946 – 85 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Um clássico do filme “de gémeos”, realizado no período em que a vulgarização das teorias da psicanálise teve muito eco no cinema americano, particularmente no *filme negro*, embora THE DARK MIRROR não pertença realmente a este género, pois não tem as características estéticas (intensos jogos de sombra e luz) e narrativas (motivações obscuras dos personagens) do género. A história começa com o inquérito sobre o homicídio de um homem e todas as suspeitas recaem sobre a mulher que ele ia pedir em casamento na noite em que foi morto. Mas ela tem uma irmã gémea e a polícia não tem meios de provar qual das duas esteve na casa do homem. A maior originalidade do argumento consiste no facto do inquérito criminal não ser feito pela polícia e sim por um psicanalista, que depois de uma série de entrevistas e exames das duas irmãs em separado adquire a certeza sobre qual das duas é a culpada e a manipuladora. O filme não é mostrado na Cinemateca desde 2006. A apresentar em cópia digital.

► Terça-feira [20] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

STOLEN FACE

A Máscara do Desejo

de Terence Fisher

com Paul Henreid, Lizabeth Scott, André Morell, Mary Mackenzie

Reino Unido, Estados Unidos, 1952 – 72 min / legendado eletronicamente em português | M/16

Terence Fisher, futuro mestre dos filmes de terror da Hammer, mistura elementos de melodrama e de *filme negro* neste seu segundo trabalho para a produtora britânica, a partir de um

argumento que é uma brilhante variação sobre o tema do duplo. Um cirurgião plástico apaixonou-se por uma pianista clássica, que se torna noiva de outro homem. O médico opera uma criminosa cujo rosto está desfigurado, tornando-a idêntica à pianista e casa-se com ela. Mas sob o “rosto roubado” do título original, a mulher não mudou (nem a sua voz, único elemento que a distingue do modelo original) e reata com as suas atividades criminosas, enquanto o noivado da pianista é anulado. No desenlace, o homem e as duas mulheres confrontam-se num comboio em movimento. Primeira apresentação na Cinemateca.

► Quarta-feira [21] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

VERTIGO

A Mulher Que Viveu Duas Vezes

de Alfred Hitchcock

com James Stewart, Kim Novak, Barbara Bel Geddes, Tom Helmore

Estados Unidos, 1958 – 128 min / legendado em português | M/16

Duas mulheres que são uma só e um homem que numa procura recriar a imagem que tem da “outra”. Diz-se que Hitchcock só filmou histórias de amor. Se dúvidas houvesse, VERTIGO dissipava-as. É só a paixão (que chega à necrofilia) que motiva o protagonista desta obra-prima de Hitch. O crime, a intriga policial, aqui, não são mais do que o clássico *macguffin*, de tal modo que o espectador se esquece que o crime fica sem castigo. O saber de Hitchcock iludiu todas as censuras. Algumas das mais extasiantes cenas de VERTIGO passam-se dentro de um museu, com Kim Novak inebriada diante do quadro que a obceca fazendo de James Stewart um espectador inebriantemente obcecado por ela. A mais “fantasmática” é a do quarto de hotel em que, sob uma luz transfiguradora, Novak toma definitivamente a forma da mulher desejada por Stewart e aos olhos dele.

► Segunda-feira [26] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

THE GREAT DICTATOR

O Grande Ditador

de Charles Chaplin

com Charles Chaplin, Paulette Goddard, Jack Oakie,
Reginald Gardiner, Henry Daniell, Billy Gilbert

Estados Unidos, 1940 – 124 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Neste singularíssimo filme, que se tornou icónico do imaginário do século XX e como nenhum outro arriscou o exorcismo pelo riso parodiando o III Reich de Hitler, Chaplin entra em guerra contra o fanatismo e a intolerância, e aparece no ecrã no papel de um barbeiro judeu que tem um sócio. Nem mais nem menos do que o ditador do país, Adenoid Hynkel (e a referência não podia ser mais transparente), com quem um dia é confundido indo fazer um discurso às massas: “let us all unite.” Rodado em finais de 1939, estreou nos EUA no ano seguinte, em plena II Guerra Mundial. Em Portugal só estrearia em 1945, com cortes de censura no discurso final, e teve uma primeira reposição em 1974.



THE OTHER

VOCÊS, QUE VIVEM – OS FILMES DE ROY ANDERSSON

Ao contrário do lugar comum, a trajetória de Roy Andersson (nascido em Gotemburgo em 1943) parece confirmar que pode mesmo haver segundas oportunidades para deixar uma boa primeira impressão. Tendo feito uma entrada de leão no cinema sueco depois de uma promissora série de curtas de escola com a longa “UMA HISTÓRIA DE AMOR”, ode à liberdade e ao idealismo adolescente muito sintonizada com o *zeitgeist* do final dos anos 1960 que se tornou num enorme sucesso de público na Suécia e fora dela, foi rapidamente posto de lado na sequência do fracasso do filme seguinte. Mistura de géneros com que procurou fugir à obrigação de repetir o êxito do filme anterior, o *flop* comercial e crítico de GILIAP ditou o seu voluntário afastamento do cinema durante duas décadas e meia, período em que se dedicou quase exclusivamente à realização de centenas de *spots* publicitários, nos quais acabaria por apurar um estilo visual e uma forma narrativa que no segundo fôlego da sua carreira cinematográfica, iniciado com CANÇÕES DO SEGUNDO ANDAR e quando já tinha chegado aos 57 anos, iria explorar de forma mais profunda e em sucessivas variações, a qual lhe valeram uma improvável e tardia consagração (o Leão de Ouro de Veneza para UM POMBO POUSOU NUM RAMO A REFLECTIR NA EXISTÊNCIA, fizeram dele o segundo filme escandinavo, depois de A PALAVRA de Dreyer, a receber tal distinção) como um dos mais singulares autores do cinema europeu contemporâneo.

Nesse renascimento, Andersson afasta-se do realismo que estava na base da fase anterior do seu trabalho e desenvolve um estilo caracterizado pelo artifício de longos planos fixos gerais a remeter para a construção de um “quadro vivo” hiper realista, com composições laboriosamente concebidas explorando a profundidade de campo e a simultaneidade de ações. Cada um desses quadros é concebido com uma espécie de micro-narrativa autónoma (por vezes, mas nem sempre, estabelecendo ligação com as restantes sequências do filme) mas que constitui como variação da ideia que transversalmente permeia cada nova obra: a visão de uma humanidade essencial (muitas vezes confundida com as classes trabalhadoras) nas suas lutas quotidianas contra as pequenas misérias da existência nas sociedades do bem-estar ocidentais. No contraste entre a erudição dos seus filmes (além da literatura, note-se a influência recorrente da história da pintura nas composições e na iluminação do cenário de cada “cena”, entendida teatralmente e como tal integralmente construído em estúdio, processo de trabalho artesanal e altamente sofisticado que ocupa a maior parte do tempo de produção e o orçamento dos filmes desta segunda fase) e o tom tragicómico destes contos sobre o sentimento trágico da existência frequentemente tendendo ao humor absurdo (o espírito de Beckett não anda longe) joga-se a singularidade dos filmes de Roy Andersson.

Esta retrospectiva praticamente integral (naturalmente mais alargada do que a que o Curtas de Vila do Conde lhe dedicou em 2012) só é possível graças à colaboração da Alambique, distribuidora dos filmes de Roy Andersson desde CANÇÕES DO SEGUNDO ANDAR e que deverá estrear o recente DA ETERNIDADE, que abre o programa, nas salas portuguesas no dia 15 de outubro. Todos os filmes são primeiras apresentações na Cinemateca.



OM DET OÄNDLIGA

► Quinta-feira [1] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

OM DET OÄNDLIGA

Da Eternidade

de Roy Andersson

com Bengt Bergius, Anja Broms, Marie Burman

Suécia, 2019 – 78 min / legendado em português | M/12

O mais recente filme de Roy Andersson é uma reflexão sobre a vida humana em toda a sua beleza e crueldade, o seu esplendor e a sua banalidade. Nele deambulamos, como que num sonho, suavemente conduzidos pela voz de uma narradora através de momentos inconsequentes e de eventos históricos: um casal flutua sobre uma cidade devastada pela guerra; a caminho de uma festa de aniversário, um pai pára à chuva para apertar os atacadores dos sapatos da filha; raparigas adolescentes dançam à porta de um café; um exército derrotado marcha para um campo de prisioneiros de guerra. Simultaneamente uma ode e um lamento, DA ETERNIDADE apresenta-nos um caleidoscópio de tudo o que é eternamente humano, uma história infinita da vulnerabilidade da existência. O filme recebeu o Leão de Prata para Melhor Realizador no Festival de Veneza de 2019.

► Sexta-feira [2] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

► Terça-feira [6] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

EN KÄRLEKSHISTORIA

“Uma História de Amor”

de Roy Andersson

com Ann-Sofie Kylin, Rolf Sohlman, Anita Lindblom

Suécia, 1970 – 115 min / legendado eletronicamente em português | M/16

A primeira longa-metragem de Roy Andersson narra a história de Annika (Ann-Sofie Kylin) e Par (Rolf Sohlman), dois adolescentes idealistas a viver o seu primeiro amor. Resistindo à pressão e ao cinismo dos pais e às pressões sociais, o jovem casal deste *coming of age* cria a sua própria realidade, alheia às tensões do mundo adulto que os rodeia. Tendo conhecido um enorme sucesso à época de estreia, este drama social romântico tornou-se um filme de culto e assim permaneceu mesmo depois do nome de Roy Andersson ter sido quase esquecido durante o longo silêncio que se impôs entre GILIAP e CANÇÕES DO SEGUNDO ANDAR.

► Sábado [3] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

GILIAP

de Roy Andersson

com Thommy Berggren, Mona Seilitz,

Willie Andréason, Lars-Levi Læstadius

Suécia, 1975 – 137 min / legendado eletronicamente em português | M/16

As atribuições de um criado de hotel numa pequena cidade. Misturando registos (da comédia negra ao drama romântico, com umas pinceladas de *film noir*), a segunda longa-metragem de Andersson foi à altura da estreia um desastre comercial e crítico pois esta “guinada” em relação ao anterior EN KÄRLEKSHISTORIA desapontava os fãs que esperavam novamente “uma história de amor sueca”. Andersson, frustrado, afastou-se do cinema e não voltou a realizar uma longa-metragem durante 25 anos. Um filme a redescobrir.

► Quarta-feira [7] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

CURTAS-METRAGENS DE ROY ANDERSSON

BESÖKA SIN SON

“Visita ao Filho”

com Maud Backéus, Peter Egge, Lars Karlsteen

Suécia, 1967 – 9 min

HÄMTA EN CYKEL

“Levar a Bicicleta”

com Pierre Bené, Monica Löf

Suécia, 1968 – 17 min

LÖRDAGEN DEN 5.10

“Sábado, 5/10”

com Stefan Böhm, Curt Ericson, Eric Hansson

Suécia, 1969 – 48 min

HÄRLIG ÄR JORDEN

“Linda É a Terra”

com Klas-Gösta Olsson, Lennart Björklund, Christer Christensen

Suécia, 1991 – 14 min

NÄGONTING HAR HÄNT

“Aconteceu Alguma Coisa”

com Klas-Gösta Olsson, Anne Tubin, Lennart Björklund

Suécia, 1993 – 24 min

legendados eletronicamente em português

duração total da projeção: 112 min | M/16

A sessão reúne um conjunto de cinco curtas-metragens realizadas por Roy Andersson em momentos muito diferentes do seu percurso. As primeiras três foram feitas durante a passagem de Andersson pela escola de cinema e devem muito temática e formalmente à influência das novas vagas (em particular da Europa de Leste). Em BESÖKA SIN SON, um casal vai conhecer, com um olhar muito crítico, a residência universitária do filho. HÄMTA EN CYKEL fala do amanhecer de um jovem casal e de uma bicicleta que tem de ser trazida do sótão. Igualmente minimal, LÖRDAGEN DEN 5.10 acompanha o quotidiano de um homem ao longo de 24 horas. Feita depois de um longo hiato em que Andersson esteve quase totalmente afastado do cinema, HÄRLIG ÄR JORDEN é a curta que anuncia a segunda fase da obra do realizador com o recurso a narrativas fragmentárias, tom tragicómico, longos planos fixos e composições de inspiração pictórica que, a partir de CANÇÕES DO SEGUNDO ANDAR, se tornaram a sua assinatura de autor imediatamente reconhecível. NÄGONTING HAR HÄNT é um filme educativo sobre a SIDA encomendado a Andersson pelo Ministério da Saúde da Suécia mas que acabou por não ser difundido por causa do seu conteúdo controverso.

► Quinta-feira [8] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

SÅNGER FRÅN ANDRA VÅNINGEN

Canções do Segundo Andar

de Roy Andersson

com Lars Nordh, Stefan Larsson, Bengt C.W. Carlsson

Suécia, 2000 – 98 min / legendado em português | M/16

Num fim de tarde tem lugar uma estranha série de acontecimentos ilógicos: um amanuense é despedido de modo degradante; um imigrante perdido é atacado violentamente numa rua movimentada; um ilusionista comete um erro no seu número... Quando CANÇÕES DO SEGUNDO ANDAR saiu da edição de 2000 do Festival de Cannes com o Grande Prémio do Júri, deixou a sensação de ali se ter redescoberto um autor singular, cujas pequenas histórias do quotidiano levadas ao limite do surreal, evocavam simultaneamente o burlesco em câmara lenta de Jacques Tati, o absurdo dos Monty Python e o austero existencialismo nórdico. *A abrir a sessão, cinco anúncios publicitários realizados por Roy Andersson, faceta que lhe mereceu os elogios de Ingmar Bergman.*

► Quinta-feira [8] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

DU LEVANDE

Tu, que Vives

de Roy Andersson

com Jessica Lundberg, Elisabet Helander,
Björn Englund

Suécia, 2007 – 95 min / legendado em português | M/12

Prolongando o estilo e a forma que definem inconfundivelmente os filmes de Roy Andersson a partir de *CANÇÕES DO SEGUNDO ANDAR*, *DU LEVANDE* aborda a grandeza e miséria, alegria e tristeza, autoconfiança e ansiedade humanas em micro-histórias contadas em plano fixo: “Rimos desse Homem mas também o choramos. É apenas uma comédia trágica ou uma tragédia cómica sobre nós próprios” (Roy Andersson).



► Sexta-feira [9] 22:00 | Sala M. Félix Ribeiro

EN DUVA SATT PÅ EN GREN OCH FUNDERADE PÅ TILLVARON

Um Pombo Pousou num Ramo a Reflectir na Existência

de Roy Andersson

com Holger Andersson, Nils Westblom, Viktor Gyllenber

Suécia, 2014 – 101 min / legendado em português | M/14

Como um D. Quixote e um Sancho Pança dos nossos tempos, Sam e Jonathan, dois caixeiros-viajantes vendendo artigos de diversão, levam-nos numa viagem caleidoscópica pelo destino dos humanos. Uma viagem que nos mostra a beleza de alguns momentos, a mesquinhez de outros, o humor e a tragédia que faz parte de nós, a grandeza da vida bem como a fraqueza da humanidade. Vagueamos por este fecho da “Trilogia dos Vivos”, iniciada com *CANÇÕES DO SEGUNDO ANDAR* e continuada com *TU, QUE VIVES*, saboreando a beleza e o absurdo de estarmos aqui e agora, rodeados por outros demasiado iguais a nós. Leão de Ouro do Festival de Veneza.

A CINEMATECA COM A MONSTRA – FESTIVAL DE ANIMAÇÃO DE LISBOA

Em nova colaboração com a MONSTRA, este ano na sua 20ª edição, a Cinemateca apresenta um programa de cinema de animação em cinco sessões (além das três sessões infantis e de uma oficina a decorrer na Cinemateca Júnior no Salão Foz também referidas neste jornal). No ano em que o festival festejou os seus primeiros 20 anos numa edição condicionada pela pandemia (parte do festival realizou-se em março em formato online e o restante programa é concretizado em outubro em sala, como é habitual, em vários espaços da cidade de Lisboa), a programação na Cinemateca não deixa de ser particularmente festiva e quer celebrar a riqueza e a importância da animação na história do cinema, dando a ver cinco grandes clássicos intemporais assinados por grandes mestres da animação mundial: Jiří Trnka, Ladislav e Irène Starevich, Paul Grimault, Jiri Barta e Dave Borthwicka.

como na história do cinema de terror. Cruzando vários tipos de animação – desenho, *stop motion* – com a presença de atores de carne e osso, *TOM THUMB* cria um ambiente invulgar e surrealizante, que obedece apenas à singular visão de Borthwick. Primeira apresentação na Cinemateca, em cópia digital.

► Quinta-feira [1] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

LE ROMAN DE RENARD

de Ladislav e Irène Starevich

França, 1937 – 65 min / legendado eletronicamente em português | M/6

SESSÃO COM APRESENTAÇÃO

Ladislav Starevich (1882-1965) foi um dos pioneiros do cinema de animação europeu, e em particular do filme de marionetas em *stop motion*. Nascido em Moscovo, exilou-se em Paris depois da revolução de 1917, e foi em França que desenvolveu o essencial da sua obra. *LE ROMAN DE RENARD*, correalizado com a sua mulher e principal colaboradora Irène, baseado em lendas medievais, é um dos seus títulos mais famosos, e uma das primeiras longas-metragens que usam a técnica do *stop motion*. Na versão original as vozes estavam a cargo de atores importantes do cinema francês da época, como Claude Dauphin ou a renoiriana Sylvia Bataille. Primeira apresentação na Cinemateca, em cópia digital.

► Sexta-feira [2] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

DOBRY VOJAK SVEJK

“O Valente Soldado Schweik”

de Jiri Trnka

com Jan Werich (narração)

Checoslováquia, 1955 – 76 min / legendado eletronicamente em português | M/6

SESSÃO COM APRESENTAÇÃO

Jiri Trnka (1912-1969) é um dos mais célebres cineastas europeus de animação, e principal representante de uma cinematografia, como a da antiga Checoslováquia, com fortíssima tradição no género. Trabalhando sobretudo com marionetas e em *stop-motion*, Trnka dirigiu várias adaptações literárias, sendo bastante recordado o seu *SONHO DE UMA NOITE DE VERÃO*. Muito famoso é igualmente este seu trabalho sobre o livro homónimo de Jaroslav Hasek. A apresentar em cópia digital.

► Terça-feira [6] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

THE SECRET ADVENTURES OF TOM THUMB

de Dave Borthwicka

Reino Unido, 1993 – 60 min / legendado eletronicamente em português | M/6

SESSÃO COM APRESENTAÇÃO

As aventuras do Pequeno Polegar vistas pelo britânico Dave Borthwick, num filme que colhe tanto na tradição da animação

► Quarta-feira [7] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

KRYSAR

“O Flautista”

de Jiri Barta

Checoslováquia, 1986 – 53 min / legendado eletronicamente em português | M/6

SESSÃO COM APRESENTAÇÃO

Jiri Barta (nascido em 1948) é hoje uma das figuras de destaque da tradição checa de animação, e este *KRYSAR*, baseado nas aventuras do flautista de Hamelin, um momento particularmente importante da sua obra. Estreado em Cannes em 1986, o filme notabiliza-se pelo uso e inspiração de motivos visuais colhidos na história da arte, desde a pintura medieval ao expressionismo germânico. Primeira apresentação na Cinemateca, em cópia digital.

► Quinta-feira [8] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

LE ROI ET L'OISEAU

O Rei e o Pássaro

de Paul Grimault

França, 1980 – 87 min / legendado eletronicamente em português | M/6

SESSÃO COM APRESENTAÇÃO

Activo entre os anos 1930 e o final da década de 1980, Paul Grimault foi um dos principais autores do cinema francês de animação, sobretudo no formato da curta-metragem. *LE ROI ET L'OISEAU* é uma das suas três únicas longas, e porventura a mais célebre. Autêntico “projeto de uma vida”, o filme, baseado numa história de H.C. Andersen, começou a ser preparado nos anos 1940, mas apenas ficou pronto a ser estreado à entrada dos anos 1980, com bastante sucesso. A apresentar em cópia digital.

COM A LINHA DE SOMBRA

Esta sessão desta rubrica regular da Cinemateca resulta de nova colaboração com a Academia Portuguesa de Cinema e tem como pretexto o lançamento em DVD de *O MAL AMADO* de Fernando Matos Silva, que terá lugar no espaço da livraria Linha de Sombra nos 39 Degraus. Trata-se de uma edição da Academia Portuguesa de Cinema em colaboração com a Cinemateca no contexto da “Coleção da Academia”, a qual visa recuperar e editar obras emblemáticas do cinema português, contribuindo em simultâneo para a sua preservação e difusão junto de um público alargado em versão restaurada.

► Quarta-feira [14] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

O MAL AMADO

de Fernando Matos Silva

com João Mota, Maria do Céu Guerra,
Zita Duarte, Fernando Gusmão, Helena Félix

Portugal, 1974 – 99 min | M/12

COM A PRESENÇA DE FERNANDO MATOS SILVA

O MAL AMADO ou a inquietação da juventude estudantil em vésperas do 25 de Abril. O desencanto da pequena burguesia e as suas oscilações ideológicas, na figura de um jovem que procura romper com a sua classe mas a ela volta sempre, tendo como cenário o bairro de Campo de Ourique. Proibido pela censura e só estreado depois do 25 de Abril. A apresentar em cópia digital.



A CINEMATECA COM O CURTAS VILA DO CONDE

A Cinemateca associa-se uma vez mais ao Curtas Vila do Conde – Festival Internacional de Cinema, este ano na sua 28ª edição, com a organização de dois programas para uma seleção dos filmes premiados nas competições nacional e internacional da edição deste ano. As sessões são também pretexto para o lançamento do livro *Reframing Portuguese Cinema in the 21st Century*, que acontece na livraria Linha de Sombra no sábado, dia 17, às 17h30, na presença dos investigadores Paulo Cunha e Daniel Ribas e de Nuno Rodrigues, diretor do Curtas. No contexto da celebração dos 20 anos da Agência da Curta Metragem (1999-2019), a Curtas Metragens CRL, este livro, editado em inglês e português e com organização de Daniel Ribas e Paulo Cunha, olha para estas duas décadas do século XXI no cinema português, analisando tendências, transformações e cineastas. O livro engloba mais de dez contribuições, de académicos, programadores e críticos de cinema como Adrian Martin, Carmen Gray, Leo Goldsmith, Roger Koza, Cíntia Gil ou Haden Guest.

► Quinta-feira [15] 18:30 | Sala M. Félix Ribeiro

Atenção ao horário

FILMES PREMIADOS 1

Programa a anunciar

SESSÃO COM APRESENTAÇÃO

► Sexta-feira [16] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

FILMES PREMIADOS 2

Programa a anunciar

SESSÃO COM APRESENTAÇÃO

DIA MUNDIAL DO PATRIMÓNIO AUDIOVISUAL

A Cinemateca volta a celebrar o Dia Mundial do Património Audiovisual, sempre comemorado pelos membros da FIAF – Federação Internacional dos Arquivos de Filmes a 27 de outubro. Assim se evoca a data em que, na Assembleia Geral de Belgrado em 1980, a UNESCO adotou a “Recomendação para a Salvaguarda e a Conservação das Imagens em Movimento”.

Depois de, em 2019, a data ter sido assinalada com a projeção de um filme mudo português (A ROSA DO ADRO) restaurado pela Cinemateca e numa sessão que contou com a interpretação ao vivo da música original, a celebração deste ano faz-se com um título icónico do cinema moderno: À BOUT DE SOUFFLE de Jean-Luc Godard, que recentemente concluiu seis décadas de existência e que vamos exibir na nova versão digital apresentada como um dos grandes acontecimentos da última edição do festival Il Cinema Ritrovato de Bolonha.

► Terça-feira [27] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

À BOUT DE SOUFFLE

O Acssado

de Jean-Luc Godard

com Jean Paul Belmondo, Jean Seberg,

Daniel Boulanger

França, 1959 – 90 min / legendado eletronicamente em português | M12

Ao lado de LES 400 COUPS, este é o grande “filme-símbolo” da Nouvelle Vague e um dos filmes que abre as portas do cinema moderno. Foi o primeiro sinal de que, como escreveu Serge Daney, este novo cinema não só não se contentava em sacudir o “antigo”, como ameaçava, literalmente, destruí-lo. À BOUT DE SOUFFLE é um dos filmes que melhor ilustra as consequências práticas e teóricas dos postulados da Nouvelle Vague, fazendo “explodir” o cinema para depois o reinventar. A primeira longa-metragem de Godard resultava, por si mesma, num dos momentos mais decisivos da história do cinema, com Belmondo recriando também um mito clássico, o de Bogart. A apresentar na nova versão digital.



Acesso às sessões

Regras para venda antecipada de bilhetes e “Amigos da Cinemateca”, e sistema de acesso a bilhete e refeição no Bar/Restaurante 39 Degraus

Tal como aconteceu desde o primeiro mês de acessos condicionados, voltamos a promover e a aconselhar a compra antecipada de bilhetes, procurando com isso minimizar a aglomeração de pessoas no período que antecede a sessão, nomeadamente através da compra “on line” em www.cinemateca.bol.pt

Voltamos a chamar a atenção para o facto de os bilhetes adquiridos corresponderem a lugares marcados, que respeitarão as normas em vigor sobre o intervalo obrigatório entre espectadores. Contrariamente ao sistema que vigorou em julho, agosto e setembro, deixamos de admitir a exceção dos grupos de coabitantes para adotar o sistema “em xadrez” que no atual contexto de pandemia tem sido praticado pela generalidade das salas de cinema e de espetáculo.

Durante o mês de outubro continua suspensa a opção da Cinemateca de cativação de um conjunto de bilhetes para venda no próprio dia da sessão e apenas na bilheteira local.

Quanto ao acesso combinado sessão-refeição, mantém-se um sistema de desconto automático nos menus praticados pelo restaurante para quem assista a qualquer uma das sessões do dia (ver condições específicas no Bar/Restaurante 39 Degraus, <https://39degraus.pt>).

VENDA DE BILHETES

Bilheteira Local (ed. Sede - Rua Barata Salgueiro, nº 39) | **Horário:** de 2ª a sábado, das 14:30 às 15:30 e das 18:00 às 21:30

Bilheteira Local (Salão Foz – Praça dos Restauradores) | **Horário:** de 2ª a sexta, das 11:00 às 17:00, sábado das 11h00 às 18h00

Bilheteira On-line - www.cinemateca.bol.pt | **Modos de pagamento disponíveis:** Multibanco (*) - MB Way - Cartão de Crédito - Paypal (**)

(*) O pagamento através de Referência Multibanco tem um custo adicional de 0,50€ para montantes inferiores a 10,00€.

(**) O pagamento através de Paypal tem um custo adicional de 0,40€ para montantes inferiores a 30,00€.

A aquisição de bilhetes em www.cinemateca.bol.pt e nos pontos de venda aderentes tem custos de operação associados no valor de 6%, acrescidos de IVA, sobre o valor total da compra.

Mais informações: <https://www.bol.pt/Ajuda/CondiçõesGerais> | **Pontos de venda aderentes** (consultar lista em <https://www.bol.pt/Projecto/PontosVenda>)



USO OBRIGATÓRIO DE MÁSCARA



LAVE E DESINFETE AS MÃOS COM REGULARIDADE



MANTENHA O DISTÂNCIAMENTO FÍSICO



SIGA OS TRAJETOS ASSINALADOS



DÊ PREFERÊNCIA ÀS ESCADAS



OPTE POR PAGAMENTOS ELETRÓNICOS



WCS E AS SUPERFÍCIES DAS ÁREAS COMUNS SÃO REGULARMENTE LIMPAS E DESINFECTADAS

1 QUINTA-FEIRA

15:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | DUPLOS E GÉMEOS

LA OTRA

Roberto Gavaldón

19:00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM A MONSTRA

LE ROMAN DU RENARD

Ladislav e Irène Starevich

21:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | VOCÊS, QUE VIVEM – OS FILMES DE ROY ANDERSSON

OM DET OÄNDLIGA

Da Eternidade

Roy Andersson

2 SEXTA-FEIRA

15:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | DUPLOS E GÉMEOS

THE LADY EVE

Preston Sturges

19:00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM A MONSTRA

DOBRY VOJAK SVEJK

“O Valente Soldado Schweik”

Jiri Trnka

21:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | VOCÊS, QUE VIVEM – OS FILMES DE ROY ANDERSSON

EN KARLEKSHISTORIA

“Uma História de Amor”

Roy Andersson

3 SÁBADO

15:00 | SALÃO FOZ | CINEMATECA JÚNIOR – SÁBADOS EM FAMÍLIA

FANTASIA

Walt Disney

15:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | DUPLOS E GÉMEOS

DEAD RINGER

Paul Henreid

19:00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | DUPLOS E GÉMEOS

BRATS

James Parrott

TWICE TWO

James Parrott

OUR RELATIONS

Harry Lachman

21:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | VOCÊS, QUE VIVEM – OS FILMES DE ROY ANDERSSON

GILIAP

Roy Andersson

6 TERÇA-FEIRA

15:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | VOCÊS, QUE VIVEM – OS FILMES DE ROY ANDERSSON

EN KARLEKSHISTORIA

“Uma História de Amor”

Roy Andersson

19:00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM A MONSTRA

THE SECRET ADVENTURES OF TOM THUMB

Dave Borthwicka

21:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | DUPLOS E GÉMEOS

DEAD RINGERS

David Cronenberg

7 QUARTA-FEIRA

15:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | DUPLOS E GÉMEOS

DOUBLE IMPACT

Sheldon Lettich

19:00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM A MONSTRA

KRY SAR

“O Flautista”

Jiri Barta

21:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | VOCÊS, QUE VIVEM – OS FILMES DE ROY ANDERSSON

PROGRAMA DE CURTAS-METRAGENS

Roy Andersson

8 QUINTA-FEIRA

15:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | VOCÊS, QUE VIVEM – OS FILMES DE ROY ANDERSSON

SÅNGER FRÅN ANDRA VÅNINGEN

Canções do Segundo Andar

Roy Andersson

19:00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM A MONSTRA

LE ROI ET L'OISEAU

Paul Grimault

21:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | VOCÊS, QUE VIVEM – OS FILMES DE ROY ANDERSSON

DU LEVANDE

Tu, que Vives

Roy Andersson

9 SEXTA-FEIRA

15:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | DUPLOS E GÉMEOS

LE GRAND JEU

Jacques Feyder

17:30 | ESPLANADA | DELPHINE SEYRIG, INSUBMUSA

ENCONTRO COM NICOLE FERNÁNDEZ FERRER

debate

19:00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | DELPHINE SEYRIG, INSUBMUSA

SOIS BELLE ET TAIS-TOI!

Delphine Seyrig

22:00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | VOCÊS, QUE VIVEM – OS FILMES DE ROY ANDERSSON

EN DUVA SATT PÅ EN GREN OCH FUNDERADE

PÅ TILLVARON

Um Pombo Pousou num Ramo a Reflectir na Existência

Roy Andersson

10 SÁBADO

15:00 | SALÃO FOZ | CINEMATECA JÚNIOR – SÁBADOS EM FAMÍLIA

MA VIE DE COURGETTE

Claude Barras

15:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | DELPHINE SEYRIG, INSUBMUSA

COMÉDIE

Marin Karmitz, Jean Ravel, Jean-Marie Serreau

BAISERS VOLÉS

François Truffaut

19:00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | DELPHINE SEYRIG, INSUBMUSA

INÊS

Delphine Seyrig

LES TROIS PORTUGAISES

Delphine Seyrig

LES PROSTITUÉES DE LYON PARLENT

Carole Roussopoulos

21:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | DELPHINE SEYRIG, INSUBMUSA

POUR MÉMOIRE

Delphine Seyrig

CALAMITY JANE & DELPHINE SEYRIG, A STORY

Babette Mangolte

12 SEGUNDA-FEIRA

15:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | DELPHINE SEYRIG, INSUBMUSA

SOIS BELLE ET TAIS-TOI!

Delphine Seyrig

19:00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | DELPHINE SEYRIG, INSUBMUSA

PULL MY DAISY

Robert Frank, Alfred Leslie

AUTOUR DE JEANNE DIELMAN

Sami Frey

21:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | DELPHINE SEYRIG, INSUBMUSA

COMÉDIE

Marin Karmitz, Jean Ravel, Jean-Marie Serreau

BAISERS VOLÉS

François Truffaut

13 TERÇA-FEIRA

15:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | DELPHINE SEYRIG, INSUBMUSA

L'ANNÉE DERNIÈRE À DACHAU

Mark Rappaport

MURIEL OU LE TEMPS D'UN RETOUR

Alain Resnais

19:00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | DELPHINE SEYRIG, INSUBMUSA

S.C.U.M. MANIFESTO 1967

Carole Roussopoulos, Delphine Seyrig

MASO ET MISO VONT EN BATEAU

Carole Roussopoulos, Delphine Seyrig,

Ioana Wieder, Nadja Ringart

21:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | DUPLOS E GÉMEOS

THE OTHER

Robert Mulligan

14 QUARTA-FEIRA

15:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | DUPLOS E GÉMEOS

THE DARK MIRROR

Robert Siodmak

19:00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | COM A LINHA DE SOMBRA

O MAL AMADO

Fernando Matos Silva

21:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | DELPHINE SEYRIG, INSUBMUSA

OÙ EST-CE QU'ON SE “MAI”?

Ioana Wieder

15 QUINTA-FEIRA

15:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | DELPHINE SEYRIG, INSUBMUSA

PULL MY DAISY

Robert Frank, Alfred Leslie

AUTOUR DE JEANNE DIELMAN

Sami Frey

18:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O CURTAS VILA DO CONDE

FILMES PREMIADOS 1

vários realizadores

21:00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | DELPHINE SEYRIG, INSUBMUSA

JEANNE DIELMAN, 23, QUAI DU COMMERCE,

1080 BRUXELLES

Chantal Akerman

16 SEXTA-FEIRA

15:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | DUPLOS E GÉMEOS

DEAD RINGERS

David Cronenberg

19:00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | DELPHINE SEYRIG, INSUBMUSA

IL NE FAIT PAS CHAUD 1 | IL NE FAIT PAS

CHAUD 2

Carole Roussopoulos, Ioana Wieder,

Delphine Seyrig, Nadja Ringart

21:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O CURTAS VILA DO CONDE

FILMES PREMIADOS 2

vários realizadores

17 SÁBADO

15:00 | SALÃO FOZ | CINEMATECA JÚNIOR – SÁBADOS EM FAMÍLIA

OHAYO

Bom Dia

Yasujiro Ozu

15:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | DELPHINE SEYRIG, INSUBMUSA

A DOLL'S HOUSE

Joseph Losey

19:00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | DELPHINE SEYRIG, INSUBMUSA

FEMMES AU VIETNAM

Delphine Seyrig

21:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | DELPHINE SEYRIG, INSUBMUSA

LA MUSICA

Marguerite Duras, Paul Seban

19 SEGUNDA-FEIRA

15:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | DELPHINE SEYRIG, INSUBMUSA

LE JOURNAL D'UN SUICIDÉ

Stanislav Stanojevic

19:00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | DUPLOS E GÉMEOS

LA OTRA

Roberto Gavaldón

21:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | DELPHINE SEYRIG, INSUBMUSA

A DOLL'S HOUSE

Joseph Losey

20 TERÇA-FEIRA

15:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | DELPHINE SEYRIG, INSUBMUSA

LA MUSICA

Marguerite Duras, Paul Seban

19:00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | DELPHINE SEYRIG, INSUBMUSA

LE JOURNAL D'UN SUICIDÉ

Stanislav Stanojevic

21:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | DUPLOS E GÉMEOS

STOLEN FACE

Terence Fisher

21 QUARTA-FEIRA

15:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | DUPLOS E GÉMEOS

VERTIGO
Alfred Hitchcock

19:00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | DELPHINE SEYRIG, INSUBMUSA

POUR MÉMOIRE
Delphine Seyrig
CALAMITY JANE & DELPHINE SEYRIG, A STORY
Babette Mangolte

21:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | DELPHINE SEYRIG, INSUBMUSA

L'ANNÉE DERNIÈRE À DACHAU
Mark Rappaport
MURIEL OU LE TEMPS D'UN RETOUR
Alain Resnais**22 QUINTA-FEIRA**

15:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O DOCLISBOA

LEKSI VEFKHISSA DA MOKMIS
“O Jovem e o Leopardo”
Mariam Kandelaki
ELISSO
Nikoloz Chenguelaia

19:00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O DOCLISBOA

BUBA
Nutsa Gogoberidze
MARILI SVANETS
“O Sal da Svanécia”
Mikhail Kalatozov

21:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O DOCLISBOA

GOGONA DA CHADREVANI
“A Menina e a Fonte”
Karlo Sulakauri
GRDZELI NATELI DGUEEBI
“Eka e Natia”
Nana Ekvimichvili, Simon Gross**23 SEXTA-FEIRA**

15:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O DOCLISBOA

UKANASKNELI DJVAROSNEBI
“Os Últimos Cruzados”
Siko Dolidze
KOLMEURNIS HIGUIENA
“A Higiene do Kolkhoz”
Vakhtang Chvelidze

19:00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O DOCLISBOA

DILIS ROMANSI
“Romance da Manhã”
Vakhtang Kuntsev-Gabachvili
RO TSA DEDAMITSA MSUBUKIA
“Quando o Planeta Parece Leve”
Salome Matchaidze, Tamuna Karumidze, David Meskhi

21:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O DOCLISBOA

KOMUNARIS TCHIBUKI
“O Cachimbo do Communar”
Kote Mardjanichvili
TCHEMI BEBIA
“A Minha Avó”
Kote Mikaberidze**24 SÁBADO**

15:00 | SALÃO FOZ | CINEMATECA JÚNIOR – SÁBADOS EM FAMÍLIA

ADEUS, PAI
Luís Filipe Rocha

15:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O DOCLISBOA

MAGDANAS LURDJA
“O Burro de Magdana”
Tenguiz Abuladze, Rezo Tchkheidze
ALAVERDOBA
Guiorgui Chenguelaia

19:00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O DOCLISBOA

KRISTINE
Aleksandre Tsutsunava, Guermane Goguitidze
MZAGO DA GUELA
“Mzago e Guela”
Lev Puch, Chalva Khuskivadze

21:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O DOCLISBOA

METEVEZ DA GOGONA
“O Pescador e a Menina”
Mamuka Tkechelachvili
SIMINDIS KUNDZULI
“A Ilha do Milho”
Guiorgui Ovachvili**26 SEGUNDA-FEIRA**

15:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | DUPLOS E GÉMEOS

THE GREAT DICTATOR
Charles Chaplin

19:00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O DOCLISBOA

PONTO, CHAVI, CHAVI ZGVA
“Ponto, o Mar Negro, Negro
Nodar Beguiachvili’
MOTSURAVE
“O Nadador”
Irakli Kvirikadze

21:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O DOCLISBOA

MOGZAUROBA SOPOTCHI
“Uma Viagem a Sopot”
Nana Djordjadze
UKANASKNELNI
“Os Últimos”
Aleksandre Rekhviachvili**27 TERÇA-FEIRA**

15:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O DOCLISBOA

ARABESKEBI PIROSMANIS TEMAZE
“Arabescos sobre o Tema de Pirosmani”
Serguei Paradjanov
PIROSMANI
Guiorgui Chenguelaia

19:00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O DOCLISBOA

ARACHVEULEBRIVI GAMOFENA
“Uma Exposição Singular”
Eldar Chenguelaia

21:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | DIA MUNDIAL DO PATRIMÓNIO AUDIOVISUAL

À BOUT DE SOUFFLE
Jean-Luc Godard**28 QUARTA-FEIRA**

15:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O DOCLISBOA

RA NI NA
Mikheil Bakhanov
DZVELI KARTULI SIMGUERA
“Velhas Canções Georgianas”
Otar Iosseliani
NERGUEBI
“Árvores do Futuro”
Rezo Tchkheidze

19:00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O DOCLISBOA

KRISTINE
Aleksandre Tsutsunava, Guermane Goguitidz
MZAGO DA GUELA
“Mzago e Guela”
Lev Puch, Chalva Khuskivadze

21:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O DOCLISBOA

KOLGA
“O Chapéu de Chuva”
Mikheil Kobakhidze
RAMDENIME INTERVIU PIRAD SAKITKHEBZE
“Algumas Entrevistas sobre Assuntos Pessoais”
Lana Gogoberidze**29 QUINTA-FEIRA**

15:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O DOCLISBOA

ERTI NAKHVIT CHEKVAREBA
“Amor à Primeira Vista”
Rezo Essadze

19:00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O DOCLISBOA

MOGZAUROBA SOPOTCHI
“Uma Viagem a Sopot”
Nana Djordjadze
UKANASKNELNI
“Os Últimos”
Aleksandre Rekhviachvili

21:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O DOCLISBOA

TCHIRI
“A Peste”
Davit Takaichvili
BO-BO
Levan Tchkonია
SKHVISSI SAKHLI
“A Casa dos Outros”
Russudan Glurdjidze**30 SEXTA-FEIRA**

15:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | DUPLOS E GÉMEOS

THE DARK MIRROR
Robert Siodmak

19:00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O DOCLISBOA

MEK VLE
“A Primeira Visita”
Goderdzi Tchokheli
TCHASSARBENI TSIKHE
*“A Torre”***Salome Djachi**
ME GADAVTSURE ENGURI
“Atravesse o Rio Enguri”
Anuna Bukia

21:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O DOCLISBOA

EIN KRIEGSWIEGENLIED
“Canção de Embalar com Armas”
Iana Ugrekhelidze
DEDE
Mariam Khatchvani**31 SÁBADO**

11:00 | SALÃO FOZ | CINEMATECA JÚNIOR – OFICINA

OFICINA DE BOLSO

15:00 | SALÃO FOZ | CINEMATECA JÚNIOR – SÁBADOS EM FAMÍLIA

WALLACE & GROMIT: THE CURSE OF THE WERE-RABBIT
Steve Box, Nick Park

15:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O DOCLISBOA

GOGONA DA CHADREVANI
“A Menina e a Fonte”
Karlo Sulakauri
GRDZELI NATELI DGUEEBI
“Eka e Natia”
Nana Ekvimichvili, Simon Gross

19:00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O DOCLISBOA

TARIEL MKLAVADZIS MKVLELOBIS SAKME
“O Caso de Taniel Mklavadze”
Ivane Perestiani

21:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O DOCLISBOA

EN CHEMIN / GZAZE
“A Caminho”
Mikheil Kobakhidze
OKROS DZAPI
“O Fio Dourado”
Lana Gogoberidze**PROGRAMA SUJEITO A ALTERAÇÕES**

Preço dos bilhetes: 3,20 Euros

Estudantes/Cartão jovem, Reformados e Pensionistas > 65 anos - 2,15 euros

Amigos da Cinemateca/Estudantes de Cinema - 1,35 euros

Amigos da Cinemateca / marcação de bilhetes: tel. 213 596 262

Horário da bilheteira: Seg./Sábado, 14:30 às 15:30 e das 18:00 às 21:30: tel. 213 596 262

Venda online em cinemateca.bol.pt

Informação diária sobre a programação: tel. 213 596 266

Classificação Geral dos Espetáculos: IGAC

Rua Barata Salgueiro, 39 - 1269-059 Lisboa | www.cinemateca.pt

BIBLIOTECA

Segunda-feira/Sexta-feira, 14:00 - 19:30

ESPAÇO 39 DEGRAUS

Livraria LINHA DE SOMBRA | Segunda-feira/Sábado, 13:00 - 22:00 (213 540 021)

Restaurante-Bar, Segunda-feira/Sábado, 12:30 - 01:00

Transportes: Metro: Marquês de Pombal, Avenida

Bus: 736, 744, 709, 711, 732, 745

Disponível estacionamento para bicicletas

Rua Barata Salgueiro, 39 - 1269-059 Lisboa

CINEMATECA JÚNIOR | SALÃO FOZ, RESTAURADORES

Horário da bilheteira: de 2ª a sexta, das 11:00 às 17:00,

sábado das 11h00 às 18h00

Venda online em cinemateca.bol.pt

Adultos - 3,20 euros; Júnior (até 16 anos) - 1,10 euros

Tel. 213 462 157 / 213 476 129 - cinemateca.junior@cinemateca.pt

Transportes: Metro: Restauradores | Bus: 736, 709, 711, 732, 745, 759

Salão Foz, Praça dos Restauradores 1250-187 Lisboa